Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 16.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 668 / € 2,00 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

ELISA FERREIRA

"TEMOS UM NOME QUE É CONSIDERADO INQUESTIONÁVEL PARA A PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EUROPEU E ESSE NOME É ANTÓNIO COSTA"

A comissária para a Coesão e Reformas diz, em entrevista ao DN, estar convicta de que as duas principais famílias políticas europeias se vão entender para a continuidade da alemã Ursula von der Leyen na Comissão e há forte probabilidade de escolherem o ex-primeiro-ministro português para o outro cargo de topo nos 27. E reafirmou o seu otimismo europeísta falando do êxito das políticas de coesão a cada novo alargamento.

PÁGS. 4-7

CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Audições
CPI do caso das gémeas arranca com promessa de lastro político
PÁG. 8

Lideranças
"Golpista? Não se fala mais nisso no Brasil", diz Temer
PÁG. 16

Tecnologia
Anacom vai criar plataforma de IA para tratar reclamações de consumidores
PÁG. 14

Reportagem
Mulheres, precárias e pobres. O retrato português no Dia Mundial do Trabalhador Doméstico
PÁGS. 10-11

Yves Béhar
"Quando se vive num país com recursos limitados, o *design* é uma forma eficiente de fazer as coisas. Na Suíça ou em Portugal"
PÁGS. 22-23

João Lopes escreve sobre o legado de Françoise Hardy
PÁG. 27

Paco Bandeira na Prova de Vida
PÁGS. 24-26

HOJE COM O DN Notícias Magazine

PRIMEIRA PARTE DE LUXO DÁ VITÓRIA SÓLIDA A ESPANHA SOBRE A CROÁCIA (3-0) PÁGS. 18-21

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Máquina alemã *versus* máquina portuguesa?

Como é natural, o maior salto da assistência foi para celebrar o primeiro golo, mas o ambiente foi de festa o tempo todo nos jardins do Instituto Goethe de Lisboa, onde um ecrã gigante foi colocado para a comunidade alemã e convidados verem o jogo de abertura do Euro 2024, na sexta-feira. Sem surpresa, a Alemanha ganhou à Escócia por 5-1 e confirmou-se o estatuto da seleção germânica como uma máquina de jogar futebol. Em termos de Mundiais, só o Brasil tem mais títulos do que os alemães (cinco e quatro), e quanto a Europeus a Alemanha domina, empatada com Espanha (três cada). Confesso que em momento algum achei que os escoceses tivessem hipótese, mas admiro os britânicos presentes, incluindo a embaixadora, Lisa Bandari, convidada da homóloga alemã, Julia Monar, que nunca deixaram de mostrar entusiasmo sempre que a sua equipa se aproximava da baliza contrária.

A ajudar o ambiente estavam as canecas de cerveja, o vinho branco, as salsichas e os *pretzels*, tudo junto a atenuar um pouco a inveja dos que estavam no estádio, o Arena dessa bela Munique, cidade de futebol. Basta dizer que entre os alemães equipados com a camisola nacional não faltavam alguns com o cachecol do Bayern, os mais emotivos quando se homenageou Franz Beckenbauer.

Foi fácil desta vez torcer pela Alemanha. Era seu convidado e ela era a que jogava melhor. Mas não esqueço as vezes em que, fruto do patriotismo futebolístico, fiquei zangado com a eficiência da tal máquina alemã. De tal forma cresci a ver os alemães como quase invencíveis dentro das quatro linhas, que duvidei quando me disseram que Portugal tinha ganhado por 3-0 no já distante Europeu de 2000. Eu tinha falhado o jogo por estar num voo para Cotonou, e quando me cruzei já no Benim com três jornalistas que viram o Portugal-Alemanha na televisão antes de saírem de Bruxelas achei inacreditável aquele resultado. Três golos de Sérgio Conceição! Comparável só o golo de Carlos Manuel em Estugarda que nos levou ao Mundial do México de 1986.

Haverá quem agora insista que esta Alemanha não é ao nível de outras, que o país não vence um Europeu desde 1996 (mas esquecem-se de que foi campeã mundial em 2014). Veremos como corre o Campeonato da Europa, quantos mais dias de festa haverá no Goethe, onde vi muitos cabelos louros, mas também a diversidade que a própria seleção mostra.

Agora aquilo que sinto é que a máquina alemã já não faz medo a Portugal. De alguma forma, Portugal foi, no futebol, aperfeiçoando-se e começando a ser também uma máquina. É certo que o título europeu de 2016 se destaca, mas outras contas comprovam o bom desempenho da seleção nacional, que desde 2000 foi apurada para todas as fases finais de Europeus e de Mundiais, com presenças em finais e meias-finais. E venceu em 2019 a primeira Liga das Nações.

Sou dos que têm pena de não ter estado em Munique. E sobretudo de não poder estar em Leipzig, quando terça-feira Portugal jogar com a República Checa. Já visitei uma dezena de vezes a Alemanha, como turista ou em reportagem para o DN (em 2005 estava em Berlim quando Angela Merkel ganhou o primeiro de quatro mandatos como chanceler), e de Hamburgo a Frankfurt garanto que quem somar uma visita às cidades como complemento a assistir aos jogos irá descobrir um país que deslumbra pela cultura, sejam os museus ou as óperas, tudo enquadrado por um ambiente citadino que inclui o culto da cerveja.

Para quem tem a sorte de ir assistir à estreia de Cristiano Ronaldo e companhia, cito aqui o que diz a representante do Turismo Alemão para Portugal e Espanha, Ulrike Bohnet, sobre como tudo está preparado para acolher os adeptos: "A cidade anfitriã de Leipzig, no Leste da Alemanha, espera receber quatro emocionantes jogos no Estádio de Leipzig e muitos milhares de fãs de futebol. Precisamente em Leipzig será onde a seleção portuguesa se estreará no dia 18, frente à República Checa. À espera dos adeptos de Portugal no Festival Euro 2024 está um grande espaço para fãs na Augustusplatz, o principal ponto de encontro. Com transmissão pública de todos os jogos, programação cénica e concertos, muitas atividades, é o local mais importante para vivenciar a grande experiência do futebol europeu em Leipzig, além do próprio estádio, claro."

Com o seu sentido prático, os alemães esperam vencer no campo desportivo, mas também marcar pontos na economia, aguardando que uma boa parte dos adeptos que vão aos jogos aproveitem também para conhecer as cidades onde as seleções se defrontam e até ficar uns dias depois do campeonato terminar. Mas há igualmente o esforço de promover valores, como explica Ulrike Bohnet: "Com o lema escolhido, 'Unidos pelo futebol, unidos no coração da Europa', a Alemanha quer dar o exemplo e ultrapassar fronteiras. O lema pretende ser uma oportunidade para reunir pessoas de diferentes setores da sociedade para celebrar o futebol e a diversidade cultural geral da Europa durante estas quatro semanas."

A inspiração, comentou comigo um alemão a viver em Portugal, é o Mundial de 2006, "que causou grande entusiasmo no país e trouxe convívio entre pessoas de muitas nacionalidades, só espero mais sucesso em campo agora". A Alemanha ficou então em terceiro lugar, derrotando Portugal por 3-1.

Em artigo publicado há dias no DN, a embaixadora Julia Monar dizia acalentar "a esperança de que este Campeonato da Europa transmita, simultaneamente, um sinal de coesão e de unidade na diversidade. Que as pessoas se juntem de forma pacífica e alegre, independentemente da sua origem, género, religião ou ideologia. Que este Campeonato da Europa estabeleça novos padrões em matéria de sustentabilidade no âmbito dos grandes eventos desportivos: a criação de um fundo para o clima e a utilização de infraestruturas desportivas do futebol já existentes, em vez da construção de novos estádios. A seleção alemã, por sua vez, abdica dos voos e viaja exclusivamente de autocarro e de comboio. E por último, mas não menos importante: no mundo do futebol, ainda dominado pelos homens, haverá várias árbitras a apitar os jogos!". Toda uma mensagem cheia de idealismo, contra o populismo e a marginalização, menos de uma semana depois das eleições que confirmaram haver uma maioria clara dos partidos europeístas, mas com uma demonstração de força de setores mais radicais.

Julia Monar também refletia no texto publicado no jornal sobre os tempos difíceis que a Europa está a viver. Até por haver uma guerra na sua parte leste. E a própria Alemanha, locomotiva da Europa, precisa hoje que a sua economia recupere o ritmo a que habituou todos. Mas que ninguém duvide que a máquina alemã continua em funcionamento, e isto de estatísticas por vezes não mostra a realidade toda. Por exemplo, esta Alemanha que está a crescer muito pouco agora até passou a ter o terceiro maior PIB a nível mundial, ultrapassando o Japão.

Quanto a Portugal, o desafio seria que, como país, conseguíssemos o que no futebol já aconteceu: tornarmo-nos numa máquina, não imitando ninguém, nem sequer a Alemanha, pois cada qual tem o seu estilo de jogo, mas seguindo o exemplo de Cristiano Ronaldo, um poço de talento que nunca deixou de acrescentar a isso muito trabalho.

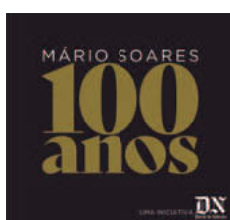
Já agora, para rematar esta crónica, seria muito interessante ver ali no ecrã montado no Instituto Goethe um Portugal-Alemanha, já nos oitavos ou, melhor ainda, na final. Máquina portuguesa *versus* máquina alemã!

OS NÚMEROS DO DIA

1,4 **MIL MILHÕES**
A vice-presidente dos EUA, Kamala Harris, anunciou uma ajuda de mais 1,4 mil milhões de euros a Kiev para "impulsionar o setor energético ucraniano, responder às necessidades humanitárias da população civil e reforçar a segurança".

4 **IDOSOS**
A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou em 2023 quatro idosos por dia vítimas de crime de violência, mais 9,4% do que no ano anterior, revelou a associação, que ontem lançou uma campanha de sensibilização para alertar para o aumento do fenómeno da violência contra idosos.

31 **ANOS**
O alemão Fabian Hürzeler, de 31 anos, é o novo treinador do Brighton, tornando-se no técnico mais jovem na história da Premier League de futebol, informou o clube inglês.

800 **KG**
A Polícia Judiciária, através da Unidade Nacional de Combate ao Tráfico de Estupefacientes, apreendeu ontem no Porto de Setúbal cerca de 800 kg de cocaína. A droga vinha dissimulada em paletes de caixas de bananas num navio com procedência da Colômbia.

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Elisa Ferreira

"Temos um nome que é considerado inquestionável para a presidência do Conselho Europeu e esse nome é António Costa"

UE Comissária para a Coesão e Reformas conversou com o DN via Zoom, a partir de Bruxelas, sobre o que se segue às eleições europeias, dizendo estar convicta de que as principais famílias políticas se irão entender para a continuidade de Ursula von der Leyen na Comissão e há forte probabilidade de escolherem o ex-primeiro-ministro português para o outro cargo de topo. E faz ainda um balanço muito positivo da resposta europeia às crises, reforçando a coesão nos 27.

Elisa Ferreira considera as políticas de coesão um dos grandes sucessos da União Europeia e que os resultados, por exemplo, a Leste são evidentes.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Em relação aos resultados das eleições, há quem sinta um grande alívio por os blocos tradicionalmente europeístas terem mantido a maioria. Quando vê estes resultados ao nível dos 27 países, sente-se otimista quanto ao espírito europeísta?

Sim e não. Sim no sentido em que aqueles partidos que são pró-europeus têm globalmente um desempenho e um reconhecimento por parte dos eleitores muito importante, interessante e positivo. Por outro lado, está gerada uma certa instabilidade em países como a França ou a Alemanha, embora ache que a situação em França é mais complicada. Atribuo essa instabilidade muito mais a questões de política interna do que de política europeia, mas, no entanto, podem criar uma instabilidade relativamente ao momento que estamos a viver na Europa. Nesse sentido, preocupa-me que os dois grandes países estejam hoje, sobretudo França, numa situação de alguma instabilidade. Espero que rapidamente se volte a uma normalização, mas, mais uma vez, acho que as pessoas confundiram eleições europeias com um juízo dos governos em exercício e espero que, cada vez mais, se volte para a Europa com o foco nos assuntos efetivamente europeus, que acabam depois por ter um grande reflexo nas decisões e nos instrumentos de política nacionais.

É curioso que tenha referido França e a Alemanha, porque o *Le Monde* sublinhava, num artigo há dias, que tinham sido os países fundadores, com exceção do Luxemburgo, aqueles que mais tinham contribuído para o aumento de eurodeputados nos grupos mais à direita.

A Bélgica também, os Países Baixos de alguma forma, embora nos Países Baixos tenha sido um resultado bastante menos agressivo do que o que a determinada altura tinha sido equacionado. Na verdade, esses países fundadores, a meu ver por razões mais internas do que europeias, acabam por ser os que mais contribuíram para esse aumento, e isso é importante, é grave para a Europa.

Não há o perigo de as populações destes países se terem esquecido de dar valor à União Europeia porque, na verdade, a maior parte das pessoas nasceu já depois da fundação da CEE, em 1957, e portanto, ao contrário dos portugueses, dos espanhóis ou dos romenos, não tem um ponto de comparação para avaliar o que a União Europeia trouxe de positivo?

> *"Acho que em Portugal nós não temos consciência da maneira como os outros nos veem. Eu visitei todos os países da União e muitas regiões – fora de Portugal cerca de 90 regiões diferentes. Portugal é um país muito conceituado, é considerado um país médio, um país maduro, um país de gente sensata e com muito prestígio."*

Acho que muitas vezes o voto europeu é como se fosse um voto para a política nacional, não é um voto que ponha efetivamente em causa as políticas europeias. Embora a Agenda Verde, por exemplo, quando é depois refletida em instrumentos de política nacional, seja muitas vezes interpretada como sendo uma agenda puramente europeia. No entanto, é uma agenda global, em que algumas das indústrias que estão a fazer a transição a começaram, e eu cito muitas das regiões que estão a fazê-la, por exemplo, em indústrias muito geradoras de carbono e gases de efeito de estufa, por motivos que se começaram a exprimir desde os anos 90. As minas, por exemplo, estão a fechar naturalmente. A política de coesão, a política europeia, aparece aqui como um fator de minimização dos impactos territoriais, sociais e económicos dessas transições, e nós conhecemos a transição têxtil, da construção naval, do aço. São transições que existem. E a verdade é que muitas vezes há falhas ao nível da comunicação e isso falta na política de coesão e também a nível europeu. Há muita tendência por parte de todos os políticos locais e nacionais para dizer que quando corre mal a culpa é da Europa e quando corre bem é devido à sua própria ação. Isto é algo que temos de combater se queremos que os cidadãos saibam tomar posições relativamente ao que é da responsabilidade europeia ou da responsabilidade nacional. É, de facto, difícil fazer passar isso, até porque a política ancora-se em agendas que são de nível nacional e só em alguns casos específicos, do tipo Erasmus ou Horizon, é que se percebe que são mesmo a nível europeu. Um último comentário: tudo aquilo que é adquirido vai perdendo valor. As pessoas dão muito valor àquilo por que têm de lutar e nós temos de pensar como é que podemos mudar as perceções. De facto, mesmo a nova geração não lhe passava pela cabeça durante muito tempo que a paz não fosse algo inerente. Nunca viveram em guerra, por isso não sabem valorizar muitas vezes o que é a paz. Nesse aspeto acho que a invasão da Ucrânia pela Rússia veio tocar algumas consciências e algumas campainhas, porque mostrou que, embora a Europa seja um projeto de paz, esses princípios e esses conceitos de substituir a legitimidade da invasão por uma legitimidade de princípios, jurídica e constitucional, que foi a base da construção da Europa, não são partilhados por todo o mundo e,

WALSCHAERTS / POOL / AFP

em particular, por alguns vizinhos. Penso que essa consciência foi alertada e que é importante revisitar a História.

Com base nestes resultados adivinha-se uma continuidade da presidência da Comissão Europeia e, o que é habitual também, o acordo entre o PPE e os Socialistas Europeus para divisão de altos cargos. Pensa que o apoio do governo português a António Costa reforça a posição do candidato nacional? Há possibilidade de um português ter agora um cargo tão importante, há condições para isso?

Em Portugal nós não temos consciência da maneira como os outros nos veem. Eu visitei todos os países da União e muitas regiões – fora de Portugal cerca de 90 regiões diferentes. Portugal é um país muito conceituado, é considerado um país médio, um país maduro, um país de gente sensata, e com muito prestígio. Eu costumo citar um antigo colega polaco que tinha sido ministro dos Negócios Estrangeiros e que convidei, isto já há uns anos, a falar para uns estudantes que eu tinha trazido a Bruxelas. Convidei-o a dizer abertamente, num espaço que não era mediático, o que é que ele pensava sobre Portugal, e ele disse que Portugal tinha a melhor diplomacia do mundo e que, sendo um país que não é uma das grandes economias, acabou por conseguir que o maior banco privado a operar na Polónia seja português, que a maior companhia de distribuição seja portuguesa e que a maior empresa de construção civil seja também portuguesa. Portugal tirou um benefício enorme dos fundos estruturais e é um país para o qual temos de olhar com cuidado. A verdade é que Portugal tem bastante influência, mas até podia ter mais, porque toda a agenda de estímulo e pressão para que os funcionários portugueses sejam mais reconhecidos requer algum profissionalismo na defesa dos interesses que também são portugueses. Aí, penso que o governo que cessou começou um trajeto que não está acabado, pois tem de ser feito com muita persistência. É importante reativar o interesse por cargos europeus, que são cargos de carreira, a nível dos funcionários, num momento em que muitos dos que entraram, quando Portugal aderiu e ainda antes da adesão, se reformaram. Houve uma onda que neste momento já se esgotou e é preciso fazer um trabalho de persistência, de valorização, de lóbi e de apoio a esses candidatos, isso é um facto. Na atualidade, para além de termos um secretário-geral das Nações Unidas, de termos tido um presidente da Comissão Europeia, temos agora, de facto, um nome que é considerado inquestionável para a presidência do Conselho e esse nome é António Costa. É evidente que houve aqui certas perturbações causadas pela sua demissão e pelas alegadas questões judiciais, mas acho que já perderam completamente o impacto. Acho que foi importante o apoio do primeiro-ministro português de uma forma tão explícita, mas seria uma pena que Portugal não aproveitasse um nome que é consensual, ou que pelo menos o era e penso que ainda continua a ser, mesmo em famílias políticas muito distantes da família socialista, exatamente pelas características pessoais de António Costa.

> *"É importante reativar o interesse por cargos europeus, que são cargos de carreira, a nível dos funcionários, num momento em que muitos dos que entraram, quando Portugal aderiu e ainda antes da adesão, se reformaram. Houve uma onda que neste momento já se esgotou e é preciso fazer um trabalho de persistência, de valorização, de lóbi e de apoio a esses candidatos."*

Portanto, acha que António Costa tem possibilidades de vir a ter esse cargo?

Acho que tem muitas possibilidades. Penso que é o nome, neste momento, mais consensual para o Conselho, assim como Ursula von der Leyen para a Comissão, embora ainda haja muitas barreiras a ultrapassar, em particular ao nível do Parlamento Europeu, porque ela tem de ser confirmada pelo Parlamento Europeu. Aí, as diferentes famílias políticas têm, por várias razões, posições não uniformes, digamos assim. Cada deputado vota de acordo com a sua consciência ou com os seus objetivos, não há uma disciplina de voto. Penso que ela tem grandes hipóteses, mas que António Costa, se é que posso dizer isto assim, tem um caminho mais fácil, porque basta que haja consenso ao nível do Conselho dos primeiros-ministros e é normal que as duas primeiras famílias políticas ocupem os dois lugares mais reconhecidos.

Em relação à sua experiência como comissária, teve de lidar com a pandemia, com a guerra na Ucrânia e todos os efeitos que esta teve na economia e até na crise energética. Há quem diga que a União Europeia lidou muito melhor com essas duas crises do que lidou, por exemplo, com a crise do euro, uma década antes. É essa a sua perspetiva?

É, é essa a minha perspetiva. Eu não posso dizer taxativamente que a Comissão aprendeu, mas acho que o facto de haver aqui um conjunto de comissários que eram muito sensíveis aos erros anteriores e à necessidade de fazer diferente ajudou. Posso dizer que a família de centro-esquerda, alargada aos liberais, com gente destes dois espaços, teve um papel importante, assim como a própria presidente da Comissão, que também foi muito sensível a esta agenda. Nós fizemos esta análise no 9.º relatório que eu tive ocasião de apresentar. Enquanto em relação à crise de 2008, que se estendeu depois, como se sabe, até 2011, a crise da dívida soberana que começou com a crise financeira e depois alastrou, algumas regiões e países ainda estavam a tentar recuperar o nível do PIB *per capita* de antes de 2008 em 2020, aquando da covid, o que é penoso. Isso significa que essa crise teve, de facto, impactos absolutamente assimétricos nas diferentes regiões e nos diferentes países. A tendência de convergência a nível europeu parou a partir de 2008 exatamente porque as contenções de correção a seguir, quebras de investimento público, quebras de renovação da Administração Pública, geraram nos países que mais dependiam dessas dinâmicas um processo de rutura da convergência e da ascensão. Portanto, nós deparámo-nos com uma recuperação do passado que demorou 10 anos e ainda não estava completa. No caso da crise de 2020, organizámos um conjunto de instrumentos de caráter excecional. Eu fui ao Parlamento, que reuniu e votou pela primeira vez por via digital, sete vezes com alterações aos regulamentos da coesão, precisamente porque percebi que se os países não tivessem uma oportunidade de pegar nos envelopes que já tinham da política de coesão e utilizar uma parte desses fundos para políticas de emergência, a crise na coesão seria muito maior. Isto é, iríamos romper a sociedade, as empresas iriam fechar, os restaurantes, as pequenas empresas, etc., não iriam aguentar. Iria haver uma crise económica que faria retroceder todas aquelas regiões e países e seria um retrocesso imparável, porque depois isto é muito contagioso. As pessoas não teriam os salários, as empresas fechavam, e, portanto, havia uma bomba que estava ali latente. Se nós não fizéssemos uma intervenção de emergência, o problema de coesão para essas regiões e para esses países seria muito maior. Posso fazer notar que em todas as regiões que dependiam do turismo tudo fecharia, porque o turismo parou. As regiões industriais que precisam de peças que tinham de ter transportes e que não eram só digitais teriam entrado completamente em rutura. Isto significa uma cadeia de perdas: empresas a fechar, pessoas a irem para o desemprego, as finanças públicas a serem pressionadas pelos subsídios de desemprego, seria um drama muito semelhante a alguns dramas a que assistimos em 2008 e que não queríamos repetir. Por isso a autorização que me deu o Parlamento e que me deram os Estados-membros para alterar a legislação de coesão foi fundamental. Primeiro, por causa da

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

covid, fomos lá duas vezes e fizemos aquele instrumento a que chamamos CRII (Coronavirus Response Investment Initiative) e de que houve um CRII 1 e um CRII + precisamente porque inicialmente pensávamos que a pandemia era uma coisa para meses, e não foi. Depois, logo a seguir, houve a invasão da Ucrânia pela Rússia. Certos países não tinham maneira de acolher milhões de refugiados, sobretudo mulheres, idosos, crianças, que estavam com a roupa do corpo, por isso tivemos de reprogramar e isso beneficiou imenso a Roménia, a Bulgária, a Polónia, algumas regiões alemãs e também Portugal, porque, como sabemos, temos uma forte comunidade ucraniana. Foram duas vezes que fomos ao Parlamento para fazer isso. Depois fomos outras duas porque a Rússia utilizou o preço da energia como arma de guerra e tivemos de criar um instrumento para facilitar a continuidade de algumas empresas quando o preço da energia subiu extraordinariamente e a vida de algumas famílias mais frágeis durante o período do inverno. Depois o apoio a novas tecnologias com o STEP, para que as regiões pudessem também apoiar e captar investimento. Isto foi aquele pacote de emergência que, passado três semanas, estava operacional, porque o dinheiro estava disponível. Eu acho que isso funcionou. Fizemos o teste e a média de rendimento das regiões mais frágeis em 2021/2022 tinha voltado ao nível de antes da covid, em 2019. As estatísticas mostram que recuperaram. Recuperaram as regiões mais ricas, as regiões mais pobres e as regiões intermédias também quase o conseguiram, falta um bocadinho. A seguir, estes apoios de emergência foram continuados com uma ida aos mercados, que demorou algum tempo a materializar-se e que acabou por permitir o que é conhecido como os PRR, mas também um reforço da política de coesão a que chamamos REACT e que veio desse endividamento internacional. Esse foi outro dos passos que esta Comissão deu e que foram históricos, porque nunca se tinha ido ao mercado financeiro pedir emprestados 800 mil milhões de euros para fazer, pela primeira vez, uma política anticíclica, e quase que se duplicou o Orçamento plurianual da União. Foi, de facto, histórico. O Orçamento para sete anos é da ordem de 1,1 biliões de euros e nós tivemos autorização para ir buscar aos mercados 800 mil milhões, o que quase o duplica. Isto já deu à Europa uma possibilidade de relançamento importante.

Em relação à questão da coesão, há um mapa muito interessante, que mostrou numa apresentação recente, das regiões europeias, aliás, como disse, já visitou 90 delas, e que mostra que muitos países, não só dos alargamentos mais recentes mas também alguns dos mais antigos da União, têm as suas regiões da capital com um rendimento muito acima da média europeia, mas depois as outras regiões não o acompanham. Isso é muito evidente em países como a Polónia, a Eslováquia, a Roménia, mas, curiosamente, isso também acontece em França, em Espanha e em Portugal. Na sua experiência, sobretudo na Europa de Leste, nos antigos países comunistas, torna-se evidente para si quando visita essas regiões que a prosperidade da União Europeia está a chegar lá e não é só à capital?

Essa questão é muito importante, porque, de facto, nós vemos um crescimento brutal em todos os países que agora comemoraram 20 anos de adesão. Obviamente, estou a referir-me ao alargamento de 2004, mas depois houve mais duas fases, em 2007 e 2013. Esses 13 países estão a crescer brutalmente. Se formos buscar o PIB *per capita* médio à data da adesão, vemos que era de 52%, o que é metade da média da União, e hoje essa média é de 80%. A política de coesão deu origem a um progresso brutal. Não são todos iguais. Há também essa questão da capital. Há países que estão a crescer com esse desequilíbrio de uma forma muito clara, mas alguns já se estão a aperceber de que a dinâmica da capital está a começar a ficar comprometida, porque as regiões que não crescem, que não estão dinâmicas, acabam por expelir as pessoas mais qualificadas. Elas vão para a capital, onde, muitas vezes, ficam desiludidas, e está a acontecer um *brain drain* (fuga de cérebros) que é completamente contraproducente e que cria uma enorme frustração em algumas dessas regiões. Nas visitas que fiz, por exemplo, à Polónia comecei a perceber o papel muito importante dos governadores regionais, e as regiões são muito poderosas e já começamos a ver dinâmicas de desenvolvimento muito especializadas num país que é muito grande, mas que começa a ter muitos polos de dinâmica. Acho que a própria Roménia já estabeleceu regiões, já estão com oito regiões, e estão a criar capacidade nessas regiões e estamos a ver já polos com alguma dinâmica interessante, por exemplo, em Cluj-Napoca. Portanto, a reflexão começa a ser feita nesse sentido, até porque eles veem a Alemanha, e uma das componentes que dá força à Alemanha é o facto de ter as regiões e quando olhamos para o país vemos que nem é Berlim a cidade mais produtiva e mais dinâmica. Se olharmos para Berlim, Munique, Frankfurt, Dusseldorf, etc., encontramos uma quantidade de cidades que dão robustez. Por isso o exemplo da Alemanha, neste sentido, é um exemplo que começa a fazer muito caminho.

Não sentiu, nessas visitas aos países desses novos alargamentos, desilusão com o projeto europeu?

De todo, mesmo nalguns dos votos que depois são interpretados como antieuropeus, porque são votos que vão a favor de linhas políticas antieuropeias. A população em geral não é antieuropeísta. Por exemplo, havia uma maioria de votos no PiS, na Polónia, mas as sondagens sobre se as pessoas eram pró-europeias ou não mostravam que eram completamente pró-europeias. No entanto, por motivos de política interna, votavam num partido que verbalizava uma agenda bastante crítica da União Europeia. Esta contradição existe por vezes. Acho que essa contradição também se sente agora nos partidos que são mais ou menos tolerantes em relação à Rússia, mas muito por motivos históricos. Nós chegamos à Bulgária e há uma leitura da Rússia muito diferente daquela que existe na Polónia. Por isso os polacos são claramente pró-ucranianos e antirrussos, como todos os países bálticos estão extraordinariamente preocupados com a ameaça russa. A Bulgária eu sinto que é ligeiramente diferente, na medida em que para a Bulgária, historicamente, os russos foram importantes na libertação do domínio otomano, e, assim, têm um referencial da Rússia bastante diferente.

Ainda bem que fala na Ucrânia, pois queria falar-lhe sobre os alargamentos. Estive recentemente na Moldova, outro país candidato, e todos os edifícios públicos tinham uma bandeira da UE. O alargamento aos Balcãs Ocidentais e também a países como a Moldova, a Ucrânia e, eventualmente, a Geórgia tem pernas para andar, é algo possível? Já agora, uma pergunta relacionada: vale a pena Portugal ter aquele receio de que ficará prejudicado com esses alargamentos?

Em relação à primeira pergunta, prefiro transmitir-lhe uma experiência pessoal. Eu tinha aqui, neste gabinete onde estou, uma vice-primeira-ministra ucraniana que me disse assim, no fim da conversa: "Eu quero dizer-lhe, porque acho que é importante, que a adesão à União Europeia é aquilo que nos faz viver, é aquilo que nos dá energia para lutarmos. Porque se nós estivéssemos a lutar contra a Rússia e não tivéssemos uma luz no fim deste combate, no fim deste túnel, nós perdíamos a coragem, porque não estávamos a lutar por nada em concreto. O fim nós não sabíamos como é que seria. Portanto, vocês, União Europeia, têm de ter consciência de que são vitais para a nossa sobrevivência." Isto foi dito de uma forma muito normal, mas é algo muito importante. Isto é, o projeto europeu visto de fora é a esperança daquelas pessoas. Eles estão a morrer, e isto foi uma coisa, alguém dizia, que nunca tinha visto ninguém morrer pela bandeira da Europa, mas as pessoas estão a morrer pela bandeira da Europa. Se formos ver o que aconteceu em Tbilisi, na Geórgia, e o que acontecia antes na própria Bielorrússia... A democracia, a liberdade, a solidariedade, a interajuda são para nós, quando já há várias gerações que não se lembram de como é que era antes, um dado adquirido, mas não é um adquirido. Nem a democracia é um adquirido, nem a paz é um adquirido, nem a União Europeia é um adquirido. Portanto, eu acho que esse alargamento vai ter de acontecer também, porque é muito importante. Tenho aqui a trabalhar comigo duas finlandesas e numa conversa com uma

Foi António Costa quem escolheu Elisa Ferreira para comissária portuguesa e agora é a vez do ex-primeiro-ministro procurar um alto cargo europeu.

"Uma das componentes que dá força à Alemanha é o facto de ter as regiões e quando olhamos para o país vemos que nem é Berlim a cidade mais produtiva e mais dinâmica. Se olharmos para Berlim, Munique, Frankfurt, Dusseldorf, etc., encontramos uma quantidade de cidades que dão robustez. Por isso o exemplo da Alemanha, neste sentido, é um exemplo que começa a fazer muito caminho."

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

delas ela dizia-me: "Os meus pais e as pessoas que estão na Finlândia têm todos uma pequena mochila em casa com água para três dias, com os medicamentos, têm uma lista para não deixarem expirar os prazos e vão renovando os essenciais, com barras e comida que aguente, sabem onde é que se devem refugiar e têm, inclusivamente, pastilhas de iodo para o caso de haver um ataque nuclear. Os ministros, quando são nomeados, recebem formação sobre onde é que estão os sistemas vitais para o país se aguentar, e isto é a rotina." Para nós é muito importante este papel que estes países estão a fazer e a coragem que demonstram, nomeadamente, neste momento, a Ucrânia, porque, de facto, nós temos de ter uma proteção e uma defesa. Temos também de pensar noutro enquadramento relativamente à política europeia de defesa, porque a política está ancorada na NATO, que não depende só da Europa, como se sabe. As eleições americanas também têm de ser colocadas na equação e o enquadramento na NATO não significa que não haja uma estratégia europeia de defesa. Agora em relação à segunda parte da pergunta que me fez, creio que nós temos também de ter consciência de que não é a primeira vez que a Europa se alarga. Quando, primeiro, a Grécia e, depois, Portugal e Espanha aderiram à União, o pânico em França e nalguns países era enorme, porque diziam que íamos destruir a agricultura francesa e alguma agricultura italiana; os nossos produtos iam destruir a indústria italiana, enfim… havia esse receio. Não foi nada disso que aconteceu precisamente porque a política de coesão nos ajudou, e ajudou-nos também a atrair empresas, a mudar completamente o nosso sistema, a requalificar totalmente o nosso território, os nossos recursos humanos, etc. O alargamento de 2004 foi um alargamento que nos alargou os mercados, como se vê no exemplo que já dei dos polacos. Ajudar a reconstruir a Ucrânia é um grande Plano Marshall. Portanto, é um mercado que se abre, são oportunidades que se criam. É preciso que, e daí os meus alertas permanentes relativamente à política de coesão, nós percebamos que na maneira como se faz a indústria portuguesa, variável conforme os setores e as empresas, as empresas têm de utilizar estes apoios excecionais que temos agora exatamente para se reorganizarem e serem capazes de ser *players* e exemplo de como fazer a produção com respeito pelo meio ambiente. Devem utilizar os apoios para fazerem essa transformação tecnológica e robustecerem todos os setores produtivos, de maneira a podermos tornar o nosso sistema produtivo mais complexo, no sentido de utilizar mais tecnologia, mais valor acrescentado, mais redes de interajuda, e, no fundo, libertá-lo das fragilidades de que ainda as pessoas se queixam. Os fundos existiram e existem, e estamos num período de fundos excecionais, juntando o PRR com os fundos normais de 2021/2027, por isso organizemo-nos para não precisarmos de fundos. É esse o objetivo. Quanto à questão do futuro alargamento, o que eu quero dizer é que, por um lado, temos de utilizar bem os fundos que temos neste momento e, por outro, temos de ver o alargamento como uma oportunidade também. Todos estes sucessos dependem de a política de coesão ser reforçada, ser não só mantida mas também reforçada, porque foi a política de coesão que permitiu que estes alargamentos fossem um sucesso e que os próximos alargamentos também sejam um estímulo à economia de todos os outros países. É evidente que a política com os fundos que temos agora tem de ser a de os utilizar bem. A meu ver, isto é um tema que deve enformar todas as negociações que vão agora ter lugar relativamente á agenda da União Europeia para os próximos cinco anos e em que é particularmente importante também o envolvimento dos novos deputados. O envolvimento do governo português e dos outros governos todos, naturalmente. Além dos partidos políticos, porque, efetivamente, este é o momento em que se tem de dizer que a política de coesão tem de se manter e ser reforçada, o que não quer dizer que não se introduzam novos métodos de gestão, novas prioridades, que se acrescentem outras, mas há elementos que têm de estar presentes e um deles é o reforço. Acho que é preciso pensar no aumento do Orçamento da própria União, porque há novos desafios, nomeadamente na área da defesa, no reforço da tecnologia europeia, no clima, no ambiente. Estes desafios são novas necessidades que a União Europeia tem de afrontar, mas não pode fazer isso à custa da política de coesão, porque esta é a cola que mantém a Europa unida em toda a sua diversidade e em todas as suas regiões. É tão essencial quanto o mercado interno, sendo uma política que está nos tratados.

> *"Vemos um crescimento brutal em todos os países que agora comemoraram 20 anos de adesão. Obviamente, estou a referir-me ao alargamento de 2004, mas depois houve mais duas fases, em 2007 e 2013. Esses 13 países estão a crescer brutalmente. Se formos buscar o PIB* per capita *médio à data da adesão, vemos que era de 52%, o que é metade da média da União, e hoje essa média é de 80%. A política de coesão deu origem a um progresso brutal."*

Falou em tempos que a Portugal faltava escala, nomeadamente a algumas candidaturas de municípios, porque não tínhamos as regiões. Acha que o debate da regionalização devia ser pensado ou pelo menos deviam ser pensadas soluções para que os municípios pudessem estar juntos em algumas candidaturas a fundos de coesão?

Acho que andamos em círculo em Portugal. Eu participei na discussão sobre o *Livro Branco sobre Regionalização*. Sabe em que ano isso foi? Foi em 1981/1982. Sabe de quando é a organização territorial portuguesa em municípios? É do tempo do Mouzinho da Silveira. Quando nós estamos a falar de agentes de desenvolvimento, temos o nível central e depois temos um nível que é muito atomizado, são 308 municípios. Eles têm feito milagres, esses municípios. É preciso escala e as comunidades intermunicipais, por exemplo, são agregações dos municípios que se juntam para fazer coisas com um bocadinho mais de escala. O que é que eu quero dizer com isto? As políticas de proximidade, a requalificação do núcleo urbano, são essenciais, mas já estão feitas no seu essencial. Agora é preciso criar espaços, e não podem ser os municípios a concorrer uns com os outros e a fazerem todos, por exemplo, áreas de acolhimento empresarial, que depois competem umas com as outras e algumas ficam vazias. Não podem todos ter uma universidade, mas talvez um centro tecnológico possa servir vários municípios, de acordo com o perfil produtivo dessas zonas. Uma das coisas importantíssimas que se fizeram em Portugal foi a criação das novas universidades. Ao contrário do pensamento que parece ser o dominante hoje, acho que é preciso que outras estruturas de caráter tecnológico tenham uma perspetiva mais prática e menos académica e acho que a lógica dos politécnicos verdadeiros, daqueles de onde sai saber, conhecimento e interação com as empresas é absolutamente fundamental. Isto tem de reconhecer o território e as NUTS II, isto é, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve e as regiões dos Açores e da Madeira são as unidades certas para se desenvolverem políticas. Eu, enquanto comissária, obviamente que respeito as opções de cada país, incluindo as portuguesas, agora o que eu costumo dizer é que quando os países optam por ser muito centralizados então têm de ser muito mais qualificados para perceberem do que é que cada território precisa, porque cada território tem as suas características.

CPI do caso das gémeas arranca com promessa de lastro político

AUDIÇÕES O antigo secretário de Estado da Saúde Lacerda Sales inaugura a Comissão de Inquérito onde serão questionadas várias figuras do PS e PSD. Marcelo pondera vir a responder.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O antigo secretário de Estado da Saúde António Lacerda Sales é o primeiro a ser ouvido, já nesta segunda-feira, na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o caso das gémeas luso-brasileiras, mas as audições prometem fazer correr tinta, com cada partido a querer levar à Assembleia da República mais de uma dezena de personalidades ligadas, à altura dos factos, a várias instituições. Na vontade de apurar por que motivo o Estado comparticipou a administração, através de uma alegada cunha, de um medicamento (Zolgensma) que custou 4 milhões de euros no total das duas crianças que o receberam, para tratar a atrofia muscular espinhal, nem o Presidente da República escapa aos deputados.

O Supremo Tribunal de Justiça confirmou no início deste mês que Marcelo Rebelo de Sousa não está "visado no respetivo processo, não existindo contra ele qualquer suspeição ou indiciação da prática de qualquer ato ilícito". No dia anterior à divulgação deste comunicado, o Presidente da República afirmou que a justiça está a funcionar e que respeitará "o que a justiça for fazendo".

Entretanto, já três partidos – Chega, IL e BE – pediram para ouvir o chefe de Estado no Parlamento e o PAN limitou-se a solicitar uma resposta por escrito.

No entanto, Marcelo Rebelo de Sousa ainda não afastou nenhuma dessas possibilidades. "A minha posição, naturalmente, é esperar por aquilo que sejam as iniciativas do Parlamento, da Comissão Parlamentar de Inquérito e depois tomar a posição em função delas. Só posso ponderar depois de saber aquilo que vou ponderar", considerou durante as comemorações do Dia de Portugal.

Para já, sabe-se que a CPI, que resulta de um "requerimento potestativo" apresentado pelo Chega, vai continuar, tanto por vontade do partido proponente como por parte de todos os outros.

Como é habitual em inquéritos que tenham como pano de fundo processos criminais, como é este caso, o presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, pediu um parecer à Procuradoria-Geral da República, que, segundo um despacho emitido pelo gabinete da segunda figura do Estado, concluiu que "a lei expressamente prevê a possibilidade de suspensão do processo de inquérito parlamentar mediante deliberação da Assembleia [da República]".

Apesar de os deputados ainda poderem suspender as audições e qualquer averiguação neste contexto enquanto decorre o processo criminal, a verdade é que, segundo fonte próxima de Aguiar-Branco, os partidos continuam a solicitar documentos e a mostrar-se empenhados na CPI, o que sugere que não haverá nenhum bloqueio à audição das dezenas de pessoas que estão na calha. De qualquer modo, o despacho será votado a 17 de junho, no mesmo dia em que é ouvido Lacerda Sales.

O PS quer ouvir o antigo secretário de Estado, que agora inaugura a CPI e já foi constituído arguido no processo, e o filho de Marcelo Rebelo de Sousa, Nuno Rebelo de Sousa, na qualidade de ex-presidente da Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo. Fora das audições socialistas ficam Marcelo Rebelo de Sousa e a antiga ministra da Saúde Marta Temido, que exercia funções em 2019, ano em que as duas crianças chegaram ao Hospital de Santa Maria para que lhes fosse administrado o Zolgensma. Mas quase todos os outros partidos não a dispensam.

> **Auditor jurídico da AR ainda não deu o parecer sobre a utilização na CPI de comunicações por redes sociais solicitadas pelo Chega.**

Em torno de Marcelo, Chega e IL também querem ouvir o chefe da Casa Civil da Presidência da República, Fernando Frutuoso de Melo, e a assessora do chefe de Estado para os Assuntos Sociais, Maria João Ruela.

O partido liderado por André Ventura, que preside à CPI através do deputado Rui Paulo Sousa, quer ainda levar ao Parlamento a atual ministra da Saúde, Ana Paula Martins, que ocupou o cargo de administradora no Hospital de Santa Maria já depois do momento em que o medicamento foi administrado.

O Livre, com o deputado Paulo Muacho, propõe a audição do presidente do Infarmed, Rui Santos Ivo, do ex-presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte (CHULN) Daniel Ferro, do diretor clínico do CHULN, Luís Pinheiro, e da presidente do Instituto dos Registos e do Notariado, Filomena Rosa.

O PCP, por seu lado, só pretende o depoimento do presidente do Infarmed, optando por provas documentais.

O BE, representado por Joana Mortágua, entre as duas dezenas de pessoas que quer ouvir no Parlamento inclui também a equipa da Inspeção-Geral das Atividades em Saúde (IGAS), com Maria de Lurdes Lemos e Marta Gonçalves, ou também os neuropediatras Carla Mendonça e José Pedro Vieira e a médica que acompanhou as gémeas Teresa Moreno.

O CDS, para além dos antigos governantes, quer ouvir a ex-secretária de Estado Adjunta e da Saúde Jamila Madeira, a secretária pessoal de Lacerda Sales, Carla Silva, e o ex-ministro da Saúde Manuel Pizarro.

No rescaldo da constituição da CPI fica ainda uma nota para outra gincana política, relacionada com o acesso a comunicações pessoais e informações clínicas pedidas pelo Chega, partilhadas por WhatsApp e Messenger, ficando o auditor jurídico da Assembleia da República de ainda dar um parecer sobre a utilização deste tipo de registos. De acordo com a deputada do Chega Cristina Rodrigues, o pedido do partido exclui questões da vida privada dos visados, resumindo as "comunicações ao pedido de concessão de tratamento das gémeas".

vitor.cordeiro@dn.pt

António Lacerda Sales protagoniza a primeira audição na CPI do caso das gémeas.

CARLOS M. ALMEIDA / LUSA

PONTOS-CHAVE

Do tratamento até às dúvidas

O que aconteceu?
O caso foi conhecido em outubro de 2023 e remonta a 2019, quando duas gémeas luso-brasileiras receberam em Portugal um tratamento com um medicamento (Zolgensma) que é dos mais caros do mundo. É utilizado para o tratamento da atrofia muscular espinhal e o custo estimado é de dois milhões de euros por doente. Quando as gémeas vieram a Portugal, era necessária uma autorização especial para o uso do medicamento (que só foi aprovado pelo Infarmed em 2021). A autorização foi aprovada em dois dias. Segundo a CNN Portugal (que divulgou o caso), a obtenção de nacionalidade portuguesa também foi "em tempo mais do que recorde". Foram adquiridas também "cadeiras de rodas topo de gama" para as meninas e marcada uma consulta de neuropediatria.

Quem foi apanhado na teia?
A lista de nomes mencionados em todo o caso é extensa e começa com os pais das duas meninas. Passa por Nuno Rebelo de Sousa, filho do Presidente da República, e a sua mulher. O próprio Marcelo Rebelo de Sousa pode vir a ser ouvido. Há também membros do anterior governo socialista mencionados, nomeadamente António Lacerda Sales e Marta Temido, então secretário de Estado e ministra da Saúde, respetivamente. O Chega, que propôs a CPI, também chamou ao Parlamento a atual ministra da Saúde, por ter integrado a administração do Hospital de Santa Maria.

Há algum processo criminal?
Sim. O Ministério Público está a investigar os factos desde o início de novembro. Há ainda uma auditoria interna no Hospital de Santa Maria. Foi também aberto um processo de execução pela Inspeção-Geral das Atividades em Saúde (IGAS) para investigar o acesso ao tratamento e à consulta. Em abril deste ano a IGAS concluiu que o acesso à consulta foi ilegal, por não ter sido cumprida a portaria que regula o acesso dos utentes ao Serviço Nacional de Saúde. A prestação de cuidados às crianças decorreu, no entanto, "sem que tenham existido factos merecedores de qualquer tipo de censura".

PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS

Tânger Corrêa [à esq.] "era, de longe", o candidato "mais competente", diz Pedro Arroja.

Pedro Arroja culpa André Ventura pelo "tombo do Chega" nas eleições europeias

CONTESTAÇÃO Responsável pelo programa económico do Chega nas legislativas de 2022 diz que o líder e fundador "é agora o maior factor de risco para a implosão do partido". Acusa-o de "não dar protagonismo a ninguém" e promover "desorientação ideológica".

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O economista Pedro Arroja rompeu o silêncio dominante entre os dirigentes e militantes do Chega quanto aos resultados das eleições europeias, atribuindo culpas a André Ventura pelo "tombo do Chega", que no domingo passado teve apenas 9,79% dos votos, menos de três meses depois de ter ultrapassado os 18% nas legislativas.

Num texto publicado no seu blogue *Portugal Contemporâneo*, o responsável pelo programa económico com que o Chega se apresentou às legislativas de 2022, quando o partido passou de um para 12 deputados, escreveu que "o principal problema do Chega neste momento é o seu próprio presidente". Na opinião de Pedro Arroja, não existe melhor candidato para a liderança, mas André Ventura "precisa de mudar", deixando de ser "o maior fator de risco para a implosão" de um partido que pode "acabar como o PRD dos anos 80".

"O principal problema do André Ventura é que não gosta de dar protagonismo a ninguém e sente-se ameaçado por todos aqueles que ganham, ou possam ganhar, alguma relevância no partido", defende Arroja, que se tornou militante do Chega em dezembro de 2022. E apresenta como "exemplo paradigmático" o que sucedeu ao cabeça de lista do partido às eleições europeias, Tânger Corrêa, considerando "penoso ver as cidades do país inundadas de cartazes publicitários com os cabeças de lista de todos os partidos, e no caso do Chega os cartazes aquilo que mostravam era o seu presidente que, na instância, não era candidato a coisas nenhuma".

Mesmo defendendo que Tânger Corrêa "era, de longe, o mais competente, mais bem preparado e mais experiente de entre todos os candidatos dos diferentes partidos em matéria de política europeia e até mundial", tendo em conta a sua experiência enquanto embaixador, Pedro Arroja realça que se tratava de alguém "praticamente desconhecido" e distante dos "holofotes mediático". E que, por isso mesmo, precisava de apoio na comunicação do Chega que, na opinião do economista, não teve.

"Falhou o facto de ele nunca ter sido promovido pelo partido e alavancado junto da comunicação social em preparação para estas eleições europeias. E isso deve-se a que o André Ventura não gosta de promover ninguém no partido, exceto a si próprio", defende Pedro Arroja, para quem o Chega, "sob a inspiração do seu presidente, fomentou uma cultura Interna de anti-intelectualismo e de anti-profissionalismo". Algo que considera poder dever-se ao "receio de que qualquer representante das profissões intelectuais lhe faça sombra" e que "a discussão livre das ideias perturbe a ordem institucional do partido".

Segundo o economista, que se mantém enquanto militante 29787, mas nas últimas legislativas limitou o seu contributo a fazer o cálculo do impacto financeiro da "proposta revolucionária" e "imitada pela AD" de igualar a pensão mínima de reforma ao salário mínimo nacional, a outra razão para o "tombo do Chega" é aquilo que designa como "desorientação ideológica" reinante no partido.

"O Chega nasceu como um partido conservador-liberal, conservador nos costumes, liberal na economia. Mas nas últimas legislativas o seu programa virou consideravelmente à esquerda, tornando-se um programa que, na economia, é vincadamente social-democrata, e noutros setores, como quando se refere aos animais, uma mera imitação do PAN", acusa Arroja, acrescentando que os portugueses já têm no PS e no PSD dois partidos sociais-democratas, pelo que "não precisam de um terceiro".

Essa perda de identidade ideológica terá sido, na opinião do economista, o motivo para o recuo do Chega nas eleições europeias, quando comparado com as legislativas, "enquanto todos os partidos da direita conservadora-liberal subiram".

Opinião
José Mendes

Ministra da Saúde: uma baixa anunciada?

Todos os primeiros-ministros cometem erros de *casting* no exercício de comporem o seu elenco governativo. É inevitável que assim seja, face ao jogo de influências que visa a promoção de determinadas figuras ou, ainda mais surpreendente, face ao plano de autopromoção que algumas pessoas montam para, a longo prazo, se venderem como elegíveis. Este é um fenómeno transversal às duas ou três cores partidárias que têm sido governo em Portugal. Como governante, observei e convivi com casos desses, que incluíam colegas descritos pela imprensa como distintos académicos, quando na realidade não tinham saído da base da carreira, pseudoespecialistas com lacunas gritantes e escassa capacidade analítica ou negociadores inexperientes incapazes de mediar ou suportar a pressão.

O que já é evitável é a continuidade destes elos fracos, que vão contaminando a ação governativa e corroendo a reputação e a coesão do governo. É consensual que, independentemente do episódio do comunicado da PGR e subsequente pedido de demissão de António Costa, o erro do então primeiro-ministro foi deixar que um governo de maioria absoluta entrasse em morte lenta devido a muito discutíveis escolhas de ministros e, pior, à recusa em remodelar.

Este é um daqueles casos em que o mal se corta pela raiz. Não me refiro aos casos em que um ministro começa titubeante, necessitando de algum tempo para ajustar a forma e o conteúdo. O que deve ser travado é aquele caso do ministro que tem alguma tendência para faltar à verdade – ou porque mente ou porque descura o rigor –, que hostiliza gratuitamente a máquina administrativa que, no fim do dia, é o seu braço armado para a mudança e que tem tendência para atiçar o fogo, causando incêndios por todo o lado.

Lamentavelmente, esse parece ser o caso da atual ministra da Saúde, Ana Paula Martins, apesar de estar em funções há tão pouco tempo. A sua fama vem já do tempo em que era gestora no Hospital de Santa Maria e teve de gerir o dossiê do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia, causando tensões e até uma certa debandada bem demonstrativas de uma notória ausência de talento para a liderança.

Como governante, a ministra da Saúde tem pautado o seu desempenho por um registo de confrontação. O que fez com o anterior diretor-executivo do SNS era absolutamente desnecessário. Não quis apenas substituí-lo, quis também enxovalhá-lo. Não teve grande sucesso porque estava em presença de um profissional de elite, técnica e eticamente, que não lho permitiu. Suspeito que a vida do novo nomeado para o cargo não vai ser nada fácil. Veremos quanto resiste.

Esta semana, a ministra pôs-se a atacar as lideranças hospitalares, que qualificou de "fracas", numa deriva que só pode correr mal, como se vê pela demissão em bloco da administração do Hospital de Viseu. Entretanto, já havia determinado que os hospitais não deveriam publicitar o fecho das urgências. Bem sei, é mau de mais. A pérola foi mesmo o número, incluído no Plano de Emergência da Saúde, de mais de nove mil doentes que teriam ultrapassado o tempo máximo de espera para uma cirurgia oncológica, quando na verdade serão cerca de 2300. Este nível de leviandade não é admissível numa governante.

Dito isto, creio que muito provavelmente estará identificada a primeira baixa do elenco ministerial. O facto de o ministro da Presidência ter vindo já a terreiro defender Ana Paula Martins, o que é compreensível, corresponde à afixação de um alvo naquela ministra. Num governo que é minoritário, não é muito saudável manter elos fracos, pelo que acompanharemos com curiosidade os desenvolvimentos dos próximos meses.

Professor catedrático.

Mulheres, precárias e pobres. O retrato português no Dia Mundial do Trabalhador Doméstico

ALTERAÇÃO Em poucos meses os números declarados à Segurança Social aumentaram 70%. A subida deve-se à obrigatoriedade de os empregadores declararem esta atividade, ao abrigo da Agenda para o Trabalho Digno. Mas o quadro do trabalho doméstico (em transformação) continua precário: a maioria são mulheres imigrantes que auferem menos que o salário mínimo. Há, no entanto, uma minoria que contrasta fortemente, chegando a duplicar esse valor.

TEXTO **PAULA SOFIA LUZ**

Há duas realidades completamente antagónicas em Portugal no que respeita ao trabalho doméstico. Mas uma agiganta-se: cresce o número de trabalhadores em situação precária, em que os baixos salários dominam – afetando sobretudo mulheres, na sua maioria imigrantes. Por outro lado, há uma franja de trabalhadoras que auferem vencimentos razoáveis, bem acima do salário mínimo. São sobretudo mulheres com mais de 50 anos, que trabalham há décadas nas mesmas casas e que ainda complementam o trabalho regular com alguns extras. É o caso de Fernanda Figueiredo, 60 anos, mais de 20 a trabalhar como empregada doméstica na cidade de Leiria. "Sou muito feliz a fazer este trabalho e sinto-me realizada", conta ao DN numa pausa entre o trabalho de todas as manhãs, na vivenda de que cuida há meia dúzia de anos, e as horas repartidas "por mais três patrões". Ao todo, trabalha em quatro locais, dois deles escritórios de serviços.

A vida de Fernanda nem sempre foi esta. Tinha um negócio seu, uma vida estável, mas há 20 anos (na sequência do divórcio) viu-se obrigada a procurar emprego. Ainda trabalhou num escritório, depois numa loja, mas quando lhe perguntaram se queria "fazer umas horas de limpeza" decidiu experimentar. Percebeu então que "ganharia mais a fazê-lo do que a trabalhar como empregada de escritório, numa loja ou num restaurante". Volvidos 20 anos, 13 dos quais a trabalhar "para a mesma pessoa, uma juíza a quem ajudei a criar o filho", continua convicta de que tomou a decisão certa. "Comprei a minha casa, o meu carro, quando me apetece viajar, viajo", afirma, ela que faz "de tudo um pouco: limpo, arrumo, cozinho, passo a ferro", e que diz sentir-se "valorizada". "Ganho mais do que ganhava noutro trabalho, não tenho colegas, organizo a vida e o trabalho à minha maneira", explica. "E as minhas patroas são súper minhas amigas", conclui. Trabalha de segunda a sexta, com um salário fixo e descontos para a Segurança Social feitos pelo casal da vivenda onde passa as manhãs. No resto, trabalha à hora, 7 euros por cada uma.

Em Lisboa há ainda muitos casos de trabalhadoras domésticas cuja vida se confunde com as dos patrões. Albertina Martins, 61 anos, é um deles. Trabalha há 30 anos para a mesma família, viu nascer e morrer alguns dos seus membros. Há três décadas regressara de Macau e "precisava de trabalhar". "O meu ex-marido estava desempregado, eu estava grávida do meu filho mais velho, e soube de uma família que andava a construir uma quinta em Colares (Sintra) e precisava de uma empregada doméstica. Fui e fiquei, até hoje", conta ao DN. "Comecei por fazer umas horas. Naquele tempo eles tinham até uma empregada interna. O certo é que fui ficando, vi nascer os netos, vi o meu patrão morrer e hoje continuo a trabalhar para a senhora", atualmente num apartamento em Miraflores. "Ao fim destes anos todos já não me sinto empregada, mas sim como se fosse da família", conta Albertina, numa altura em que também ela já é avó. Trabalha todos os dias, das 9h30 às 17h00. "Toda a família me estima. Faço de tudo um pouco", relata, enquanto recorda que, se for preciso, fica lá em casa, como já aconteceu.

JOÃO BAAH

Trabalhadoras domésticas portuguesas estiveram esta semana em Bruxelas, a convite do BE, e apresentaram manifesto.

Trabalhar "ao negro"

O reverso desta medalha é, porém, muito pouco brilhante. Rosane Vieira faz parte dele. E, como ela, muitas amigas brasileiras. Quando chegou a Portugal, há cerca de um ano, e se instalou com a família (o marido e dois filhos pequenos, de cinco e sete anos) nos arredores de Coimbra ainda tentou trabalhar num restaurante. Em São Paulo, onde morava, era cozinheira. Mas rapidamente percebeu que os horários não lhe permitiam acompanhar os filhos, tão pouco "ir buscá-los à escola". "Na minha família sempre houve faxineiras, eu sabia fazer de tudo, pensei em trabalhar nessa área. Sabia que na cidade a maioria das pessoas que fazem trabalho doméstico ganhavam 9 euros à hora. A maneira que encontrei para ter trabalho rapidamente foi baixar esse preço. Trabalhar por 6 euros. E resultou", conta Rosane. Atualmente trabalha em quatro casas, tem os dias todos ocupados, de segunda a sexta. Um dos patrões dispôs-se a pagar-lhe os descontos para a Segurança Social. "Os outros é 'ao negro' [trabalho não declarado], como falam aqui", explica ao DN. Ainda assim, prefere a situação que escolheu ao invés de trabalhar para uma empresa auferindo o salário mínimo. "Quando faço muitas horas, consigo ganhar 1000 euros por mês ou mais. E entre uma e outra coisa posso ir buscar os meus filhos à escola. Se trabalhasse para uma empresa, como algumas amigas minhas, não só tinha pior horário como ganhava menos."

Na verdade, é esse o retrato do

Fernanda Figueiredo, 60 anos, leva mais de duas décadas a trabalhar como empregada doméstica em Leiria.

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

> Em 2022, a esmagadora maioria das pessoas que faziam trabalho doméstico (90%) de recebia menos 610 euros mensais e 74% recebiam menos de 460 euros.

trabalho doméstico em Portugal: mulheres, precárias, com baixos salários. Pelo menos é a principal conclusão do estudo *Serviço Doméstico Digno*, apresentado em março deste ano e coordenado pelo sociólogo Paulo Pedroso *(ver entrevista)*, no âmbito do EEA Grants, um mecanismo financeiro plurianual através do qual a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega "apoiam financeiramente os Estados-membros da União Europeia com maiores desvios da média europeia do produto interno bruto (PIB) *per capita*, onde se inclui Portugal.

A iniciativa partiu do Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas e Atividades Diversas (STAD) e visa conhecer mais detalhadamente a realidade económica e social dos trabalhadores e trabalhadoras do serviço doméstico nas suas variadas dimensões: atividade económica e emprego, quadro legal e legislação laboral, acesso à proteção social e mobilização e organização de trabalhadores.

Aquilo a que a lei obriga

Vivalda Silva, dirigente do STAD, destacou na altura a importância da entrada em vigor da lei que obriga a que os empregadores declarem à Segurança Social as trabalhadoras domésticas no prazo de seis meses após o início do contrato. E isso explica, afinal, o aumento exponencial dos números declarados. Os últimos dados disponibilizados pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS) remontam precisamente há um ano, no âmbito do Dia Mundial do Trabalhador Doméstico, e apontavam para uma entrada de mais de 11 mil novos trabalhadores nos cadernos da Segurança Social só no primeiro semestre de 2023. "Registaram-se 11.257 novos trabalhadores, o que representa um acréscimo de 71% em relação ao mesmo período de 2022", explicava o ministério. Segundo a mesma nota, o número era significativamente superior ao de qualquer dos semestres homólogos desde 2010, cujos totais variaram entre o máximo de 9049 registados naquele mesmo ano e o mínimo de 4549 em 2014.

O valor referente às novas inscrições no período de janeiro a junho de 2023 aproximava-se do total anual de 2022, que foi de 11.607 novos trabalhadores, e já era superior aos totais de 2021 (11.031) e 2020 (11.165).

Para já, a nova equipa do ministério tutelado por Maria do Rosário Ramalho ainda não libertou os dados de 2024. Questionado pelo DN, o gabinete adiantou que "não há qualquer informação de que possa haver alterações no regime de trabalho das trabalhadoras domésticas" num futuro próximo.

Em 2022, a esmagadora maioria das pessoas que faziam trabalho doméstico (90%) recebia menos 610 euros mensais e 74% recebiam menos de 460 euros, apurou o estudo, destacando ainda que um terço das trabalhadoras domésticas faz menos de 20 horas semanais e um outro terço entre 40 a 44 horas, conjugando este trabalho com outros para pagar as contas.

Verifica-se uma "pobreza generalizada ao longo da vida ativa das pessoas trabalhadoras domésticas", referiu o investigador Amílcar Ramos.

O deputado José Soeiro, do Bloco de Esquerda, há muito que acompanha de perto esse universo. "Chegámos a apresentar uma proposta para integrar o serviço doméstico no Código do Trabalho, mas foi chumbada", afirmou ao DN. Ainda assim, essa é uma das propostas que consta do *Livro Branco* (consequência do estudo), a publicar em breve. O deputado participou esta semana numa iniciativa da eurodeputada Anabela Rodrigues alusiva ao tema, em Bruxelas. Um grupo de trabalhadoras domésticas portuguesas apresentou um manifesto com várias reivindicações, uma ação que deverá replicar-se em breve na Assembleia da República.

Paulo Pedroso

"Além de as pessoas terem hoje remunerações baixas, vão ter pensões muito, muito baixas"

ENTREVISTA O sociólogo e antigo ministro socialista coordenou estudo para o Serviço Doméstico Digno, apresentado em março, e encontrou "problemas estruturais".

Qual é o retrato que podemos traçar hoje em Portugal do trabalho doméstico?

O trabalho doméstico está em profunda transformação, mas tem problemas estruturais. Desde logo há uma evolução, em que nós verificamos que, se há uma proteção que funciona para quem trabalha em serviço doméstico a tempo inteiro, as pessoas que trabalham à hora têm uma situação bastante precária. Ou seja, a precariedade aumenta quando as pessoas trabalham para mais do que uma família ao mesmo tempo. Há ainda uma insuficiente realização dos direitos – e verificámos isso do ponto de vista das relações reais que as pessoas têm quando comparadas com aquilo a que a legislação obriga. Há uma distância muito grande entre o que é a proteção jurídica do trabalho no serviço doméstico e o que é a realidade das pessoas que trabalham nesse serviço e que obriga a pensar em mecanismos mais eficazes de inspeção nesta área.

E em matéria de proteção social o regime protege menos...

Sim, porque parte de uma remuneração convencional que é muito abaixo das remunerações reais e muito abaixo do salário mínimo. Está indexada a apoios sociais muito abaixo do salário mínimo e isto implica que, além de as pessoas terem hoje remunerações baixas, vão ter pensões muito, muito baixas. Isto em relação àquilo que são os seus salários. Além disso, verificámos que é uma área onde há muito pouca participação sindical.

E também não há regulamentação coletiva de trabalho?

Também não há. Porque, não havendo representação das entidades patronais, não pode haver essa negociação. Mas pode haver uma portaria de condições de trabalho que ajude a desenvolver certos aspetos, e que Portugal deve adotar, nomeadamente horário de trabalho e remunerações, que complementem a legislação.

Tendo em conta os últimos números que apontam para um aumento considerável de trabalhadores inscritos na Segurança Social, o que explica este facto?

> *"A precariedade aumenta quando as pessoas trabalham para mais do que uma família ao mesmo tempo."*

A Agenda do Trabalho Digno acabou por ter um efeito lateral muito positivo, porque a obrigação de as entidades patronais declararem os trabalhadores, sob pena de sanção penal, teve um efeito enorme. Isso mostrou que havia em Portugal muito serviço doméstico que não passava pela regulação legal. E muito menos pela proteção social. As estimativas do setor são bastante subavaliadas no que respeita ao seu peso real no emprego, até porque uma boa parte das pessoas que trabalham no serviço doméstico trabalha também noutras atividades, em particular nas limpezas industriais. Ou seja, usam o serviço doméstico como uma forma de complemento salarial, porque têm salários baixos nas outras profissões. Mas essa duplicação do trabalho doméstico declarado em Portugal é uma boa aproximação ao nível da desproteção que as pessoas tinham.

Depois do estudo, está para editar um *Livro Branco do Trabalho Doméstico Digno*. Para quando?

Já está em fase de impressão. Até final do mês deve estar na rua. E tem um conjunto de recomendações que resultam de todo esse trabalho que fizemos. **P.S.L.**

Maria e Cristiana interromperam as compras no supermercado para salvar uma vida

SAÚDE São enfermeiras, uma no Hospital Santa Maria e outra no de Santa Marta. Uma trabalha na área de ortopedia, outra na de cirurgia cardíaca, mas já se conheciam. Ambas tiraram o curso na mesma altura e na mesma escola, mas nunca imaginaram que se poderiam reencontrar na mesma situação de salvamento, quando andavam às compras. Correu tudo bem e receberam um louvor da Ordem.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Quando na tarde de 16 março, um sábado, Maria Justino e Cristiana Sanches decidiram ir às compras a um supermercado no Seixal, não imaginavam que se iriam reencontrar depois do curso de Enfermagem na mesma escola, nem tão-pouco que iriam estar sujeitas a muita adrenalina. Mas foi exatamente isso que aconteceu nas suas vidas e aquela tarde jamais será esquecida. Tudo começou pouco depois de entrarem num dos supermercados do Seixal, concelho de Almada, quando escutaram um pedido de ajuda. “Havia uma senhora que transportava um senhor idoso numa cadeira de rodas e que se dirigia para a entrada a correr e a pedir ajuda”, contam-nos. E assim que ouviram “este chamamento” ambas agiram “intuitivamente”, dizem. Deixaram de lado o que estavam a fazer e dirigiram-se à entrada do supermercado para saberem se poderiam ajudar. “Foi muito intuitivo. Assim que ouvi alguém pedir ajuda nem pensei muito, só tinha de ir saber o que se estava a passar e se precisavam da minha ajuda”, conta Cristiana. Para Maria foi o mesmo. “Um pedido de ajuda é como um chamamento e tinha de saber se precisavam de mim.” Nesta corrida, a meio caminho, no corredor, perceberam ambas que alguém ao seu lado ia ao mesmo passo. “Quando dei por mim, estava ao lado de outra pessoa que andava à mesma velocidade que eu – era a Cristiana. Senti-me mais tranquila no caso de ser preciso alguma ajuda”, relembra Maria Justino.

Chegadas à entrada, e depois de falarem com os seguranças, perceberam que não havia mais ninguém com formação na área e só se tinham uma à outra. “O senhor estava inanimado, sem respirar e sem pulso, e tínhamos de tomar as rédeas à situação. Pedimos auxílio para o deitar no chão e tivemos que iniciar o suporte básico de vida. O que vale é que o supermercado tinha desfibrilhador”, comenta ainda Maria. Cristiana sustenta que, embora seja enfermeira num serviço de cirurgia cardíaca, onde têm de lidar com paragens cardíacas, “é bem diferente estarmos num ambiente hospitalar ou estar na rua, onde não temos grandes coisas a que possamos recorrer para esta manobra”.

> “Todas as pessoas que podem passar por situações destas deveriam ser reconhecidas. Não é todos os dias que se salva uma vida na rua e quem o consegue deve ter esse reconhecimento.”

Havia receio e muita adrenalina, mas avançaram. E enquanto Cristiana desencadeava o procedimento de suporte base de vida, Maria falava com o INEM e explicava o que estava a ser feito. “Foram rápidos, mas quando chegaram já tínhamos conectado o desfibrilhador, que já tinha feito duas cardioversões e o senhor tinha começado a acordar e a responder. Medimos a tensão, contámos os ciclos respiratórios para termos a certeza de que estava vivo e quando os bombeiros e o INEM chegaram já estava em posição lateral, de segurança, e a responder a perguntas.”

Tudo isto em poucos minutos, “no máximo uns 15”, mas que “pareceram horas”, dizem-nos. No momento de agir, Cristiana confessa que teve de se focar e esquecer-se que estava a trabalhar à entrada de um supermercado. “Foi muita adrenalina. Só queria que tudo corresse bem, porque num hospital, quando há uma paragem cardíaca, temos uma equipa à nossa volta. Ali, era eu e a Maria, as pessoas do supermercado pouco ou nada podiam apoiar.” No final “correu tudo bem” e o paciente foi transportado pelo INEM para o hospital da área, o Garcia de Orta, “onde não acreditavam no que se tinha passado e tiveram necessidade de pedir o relatório do desfibrilhador para terem certezas”, explica-nos Maria.

Cristiana Sanches e Maria Justino não têm muitos anos de profissão, mas já demonstraram por que escolheram enfermagem.

Depois daquele momento, Maria e Cristiana tiveram de parar um pouco e respirar fundo para voltarem às tarefas, mas sempre a pensar se teriam magoado o homem. “Tinha esse receio, porque pode acontecer. Com as compressões há sempre o risco de se poder fraturar uma costela e queria muito saber como é que ele tinha ficado”, desabafa Cristiana. Assim que voltaram ao trabalho, na segunda-feira seguinte, tentaram obter *feedback* sobre o estado do senhor e foi quando começaram a perceber que havia alguém da Ordem dos Enfermeiros que queria falar com elas. “Foi através desta pessoa que tivemos *feedback*. Disseram-nos que chegou ao hospital e não tinha mazelas do que se tinha passado, que a nossa abordagem tinha sido excelente e que era a ideal em todos os casos”, recorda Maria.

Mais tarde souberam que por este salvamento iriam receber um louvor da Ordem. “Não esperávamos, mas foi muito bom e significativo”, admite Maria. Aliás, “todas as pessoas que podem passar por situações destas deveriam ser reconhecidas. Não é todos os dias que se salva uma vida na rua e quem o consegue deve ter esse reconhecimento”. E deixam uma mensagem: “É preciso haver desfibrilhadores externos automáticos (DEA) em espaços públicos, mas é necessário investir-se em formação (de suporte base de vida) para a população em geral. A situação que vivemos pode acontecer em qualquer lugar, até em casa, em família ou na rua. E se cada um de nós puder ajudar a reverter a situação é o ideal, mesmo que não seja reversível pelo menos tentou-se.”

No supermercado havia desfibrilhador, mas se “não estivéssemos lá não poderia ser usado”, reforçam.

Maria tem 28 anos e é enfermeira no Serviço de Ortopedia do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, Cristiana tem 29 e trabalha no Serviço de Cirurgia Cardíaca no Hospital de Santa Marta, também na capital. Este salvamento colocou-as outra vez em contacto, depois de terem feito o curso na mesma altura, embora em turmas diferentes, na Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha. E a atitude que ambas tiveram explica por que escolheram enfermagem: “Não somos indiferentes a um apelo de outra pessoa. Afinal, cuidar do outro é o que escolhemos fazer e ao que estamos a dedicar as nossas vidas”, afirma Maria, que exerce a profissão desde o dia seguinte a ter recebido o diploma, em 2018. Aliás, reforça, “acho que tanto eu como a Cristiana viemos para esta profissão precisamente para ajudar a resolver as necessidades dos outros. Aquilo que fizemos não foi uma obrigação por sermos enfermeiras, foi voluntário. Nestas situações vou sempre, mesmo que possa fazer pouco, mas nunca me tinha acontecido estar assim na rua e num supermercado”.

Cristiana terminou o curso em plena pandemia e esteve um ano a fazer testes à covid-19, só depois foi para o hospital e para a cirurgia cardíaca. “Desde pequena que tenho uma certa paixão por cuidar dos outros. Tenho médicos na família e sabia que não era bem aquilo que queria fazer, mas quando descobri amigos da minha irmã mais velha que eram enfermeiros e percebi o que faziam soube também que era aquilo que queria fazer. Estar próxima dos doentes.”

Maria também descobriu cedo o que queria fazer, tendo encontrado “a forma de transpor para o lado profissional o que fazia na vida pessoal. Gosto de lidar com pessoas e sentia que aquilo que pudesse fazer ou dar aos outros receberia de volta, mas quando falava em enfermagem perguntavam-me sempre porque não medicina”. A resposta era simples: “Cada área tem o seu papel, só que eu queria estar em permanência com o doente e a cuidar das suas necessidades.”

anamafaldainacio@dn.pt

Ministra admite problemas nas escalas, mas garante monitorização "ao dia"

SAÚDE Ana Paula Martins relembrou ainda que há um ano a situação nas urgências era idêntica.

A ministra da Saúde, Ana Paula Martins, admitiu que podem existir constrangimentos nos mapas das urgências do país, mas reafirmou que estes planos são atualizados dia a dia.

"Temos 90% das urgências abertas (incluindo obstétricas e pediátricas), o que é fruto de grande esforço por parte das equipas. Os mapas são atualizados dia a dia, mas são atualizados em cima do que já está previsto nas escalas. As férias são marcadas no primeiro trimestre e as escalas são apresentadas para três meses, mas há imprevistos. Já herdámos esta situação. No ano passado, por esta altura, tínhamos exatamente o mesmo tipo de constrangimentos", disse.

A governante falava no Hospital Fernando da Fonseca, na Amadora, um dos equipamentos hospitalares que visitou ontem para conversar com as equipas dos serviços de ginecologia/obstetrícia. "Estamos a monitorizar ao dia tudo o que se passa nas nossas urgências", afirmou.

Antes, fonte do Ministério da Saúde indicou à Lusa que em Portugal continental estiveram abertos, ontem, 90 serviços de urgência de todas as especialidades, sete fechados e nove com constrangimentos. E avançou que os mapas que indicam quais os serviços de urgência abertos no território continental estão a ser atualizados "pelo menos uma vez por dia" e que o sistema SNS24/INEM é atualizado "ao minuto".

DN/LUSA

Quatro campos de futebol de terra saudável degradados a cada segundo

SECA O alerta é dado pela ONU, que explica que quase metade da área terrestre já está afetada.

O equivalente a quatro campos de futebol de terra saudável é degradado a cada segundo, somando 100 milhões de hectares a cada ano, pelo que cerca de 40% de toda a área terrestre já está degradada.

São alertas que levaram a ONU a escolher o lema "Unidos pela Terra. O nosso legado. O nosso futuro" para assinalar o Dia Mundial do Combate à Seca e à Desertificação, que se assinala amanhã, procurando sensibilizar para os esforços internacionais no combate à desertificação, degradação dos solos e seca e apresentar soluções para prevenir a desertificação e inverter a situação.

A efeméride foi estabelecida em 1994 e este ano a Alemanha concentra as iniciativas para sensibilizar para a importância da terra, coincidindo com os 30 anos da Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (CNUCD/UNCCD), que tem sede em Bona, onde representantes de todo o mundo irão debater iniciativas para garantir terras saudáveis para as próximas gerações.

Ibrahim Thiaw, secretário-executivo da CNUCD, recordou os cerca de 40% de terras degradadas do mundo, afetando perto de metade da humanidade. Mas disse que há soluções. E acrescentou: "A recuperação de terras retira as pessoas da pobreza e aumenta a sua resistência às alterações climáticas."

A iniciativa de Bona antecede a maior conferência da ONU sobre a terra e sobre a seca, que acontecerá em Riade, na Arábia Saudita, em dezembro, a COP16.

DN/LUSA

Opinião
José Roberto Afonso

Monetizar a verdade para capitalizar a democracia

Há uma área da imprensa que está a resistir melhor à crise do que outras: o jornalismo económico. Jornais como o *The Economist*, o *Financial Times* e o *Wall Street Journal* estão a conquistar novos mercados e a inovar na distribuição da informação. Entraram no lucrativo negócio de esboçar cenários económicos, criando edições personalizadas para universidades de Economia de todo o mundo, como a edição asiática do *Financial Times*, e desenvolvendo bases de dados úteis para investidores internacionais, como a "Intelligence Unit", do *The Economist*. Os empresários e os investidores precisam de informações fiáveis para decidir onde afetar recursos. A verdade, os factos, valem dinheiro.

Tem sido assim desde os primórdios da imprensa escrita. No seu clássico *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, o filósofo alemão Jürgen Habermas mostra como o jornalismo se autonomizou durante o renascimento comercial, na transição entre a Idade Média e a Moderna. A imprensa deixou de ser um mero meio de divulgação das façanhas dos monarcas e passou a ter valor comercial, fornecendo informações relevantes sobre preços e mercados em diferentes pontos da rota mediterrânica. A "verdade factual", que, para citar outra filósofa alemã, Hannah Arendt, "ocorreu no passado e foi documentada ou testemunhada por muitas pessoas", passou a ter valor de mercado.

Vivemos numa época em que não se vendem apenas verdades, mas também mentiras. A estridência das redes sociais e das aplicações de mensagens, que encerram as pessoas nas suas bolhas de *fake news*, gera mais dinheiro do que a verdade factual de Arendt. Está aí um dos maiores desafios da economia política atual: recuperar o valor da informação verdadeira dos internautas, traduzindo-o em rentabilidade para as redes sociais e outras *big techs*. O capitalismo está consolidado e, com o avanço da digitalização, é urgente transformar a verdade num bem inestimável da economia e da sociedade atuais.

Este é um desafio que exige o máximo de ciência e debate por parte de técnicos, engenheiros de dados e até economistas e financeiros, para fornecer elementos técnicos e sólidos aos agentes públicos que decidem o rumo das nossas vidas. Uma iniciativa nesse sentido teve lugar em Madrid, nos primeiros dias de maio, o Foro Transformaciones, onde se debateu democracia face à revolução digital.

A solução não virá por combustão espontânea, mais sim pela identificação do pecado original da desinformação. Já é sabido que desde os algoritmos à cultura de muitos internautas a lógica da mentira e do ódio é extremamente rentável, porque prende os utilizadores por mais tempo na internet e gera mais movimento. As iniciativas já tomadas, desde os mecanismos de controlo das notícias pelos *media*, tradicionais ou em novo formato, até às tentativas pontuais e parciais de regulação oficial, são insuficientes ou ineficazes, por mais louváveis que sejam.

O momento histórico lembra um pouco o vivido há quase um século, quando uma crise financeira norte-americana se transformou na Grande Depressão mundial, causando desemprego e miséria, que ameaçaram a própria persistência do regime capitalista. Nomes importantes de diferentes perfis, regiões e épocas, como os economistas John Maynard Keynes, Kalecki e Schumpeter, além de estadistas como Roosevelt, depois Churchill e De Gaulle, entre outros, lideraram verdadeiras reformas estruturais, que conseguiram promover o desenvolvimento.

Para além dos desafios, o filósofo Jürgen Habermas ensinou que as democracias são fundadas no debate baseado na verdade factual. O desacordo é saudável e bem-vindo, desde que os argumentos sejam construídos com base em factos reais. Não existe um debate baseado em "notícias falsas". É a isto que Habermas chama "argumentação pela razão". Muito antes do advento das redes sociais e das aplicações de mensagens, o sociólogo alemão salientou que a verdade factual não é apenas algo que tem valor de mercado. É também, e acima de tudo, a base sobre a qual as democracias são construídas.

Se a tecnologia promove hoje a mais rápida e profunda transformação da história da humanidade, ainda mais com o advento da chamada inteligência artificial generativa, também as instituições, as regras e os poderes públicos têm de ser reconstruídos (não basta reformar). É inevitável ou natural que a lei e a ordem se atrasem em relação à inovação tecnológica, mas isso não significa que possam chegar demasiado tarde ou ser abandonadas. É tempo de regulamentar e, idealmente, de criar incentivos e estímulos para que a informação correta e rigorosa se torne um negócio regular e rentável para quem a trata.

Por que razão se confia numa moeda que já não é lastreada em ouro? Por que razão os viticultores utilizam os rótulos de Denominação de Origem Controlada (DOC) não como despesa, mas como investimento? Por que razão os produtores de cigarros não foram à falência depois de a lei os obrigar a informar nos maços que fazem mal à saúde? Por que razão os fabricantes de automóveis equipam os carros com travões ABS e cintos de segurança e teriam de o fazer mesmo sem a lei, porque os compradores os consideram indispensáveis? Não se trata apenas de punir e restringir, mas de sensibilizar e incentivar as empresas digitais a serem boas para a sociedade e boas para o capitalismo.

Em suma, temos de fazer mais e melhor, mesmo que não saibamos exatamente o quê. A democracia é e será a mesma, mas precisa de sentar-se em novas bases, de ser recapitalizada. É tempo de atribuir um preço à informação verdadeira.

Doutor em Economia, professor do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), pesquisador e pós-doutorando em Políticas Públicas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – ISCSP e vice-presidente do Fórum de Integração Brasil Europa – FIBE.

Anacom vai criar plataforma de IA para tratar reclamações de consumidores

TECNOLOGIA Primeiros passos do regulador das comunicações com inteligência artificial estão a ser dados na criação de uma ferramenta para gerir e medir a insatisfação. Entidade também deseja aplicar a IA na gestão e monitorização de espetro e atribuição de licenças.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

Autoridade Nacional de Comunicações espera ser "mais eficaz na defesa dos interesses dos consumidores".

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

A inteligência artificial (IA) está a chegar às entidades reguladoras, e no setor das comunicações a Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom) já está a dar os primeiros passos. A entidade vai criar uma plataforma de IA para gerir e tratar reclamações e pedidos de informação dos consumidores.

AEXCIA – Plataforma de Inteligência Artificial para Análise e Gestão da Experiência dos Consumidores é o nome da ferramenta de IA que está a ser desenvolvida. "Será o suporte aplicacional do processo de tratamento de reclamações e pedidos de informação, mas também irá permitir a identificação de padrões de insatisfação de consumo e de outros padrões comportamentais de interesse analítico, designadamente nas redes sociais", anunciou a presidente da Anacom, Sandra Maximiano, no congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações (APDC), em maio.

A líder do regulador não entrou em detalhes sobre a nova plataforma ou como irá apostar na IA, mas deixou em aberto objetivos futuros nesta matéria ao referir que os sistemas de IA também poderão "vir a ser aplicados na previsão da procura de espetro radioelétrico, na otimização na afetação de licenças e na monitorização do espetro", eventualmente a partir de novas e complementares futuras plataformas.

Contactada, fonte oficial da Anacom explicou ao DN/Dinheiro Vivo que o regulador ainda "está a concluir as peças de procedimento" para lançar um concurso público internacional para a criação da AEXCIA. "Perspetiva-se que o desenvolvimento da plataforma tenha início ainda no segundo ou terceiro trimestre de 2024", disse, sem adiantar previsões para o início da atividade da mesma.

As especificações técnicas, o programa do concurso e as necessidades da ferramenta foram "desenvolvidos pelas equipas internas" do regulador, sendo que apenas "o desenvolvimento da plataforma", ou seja, a criação aplicacional e *software* "será adjudicado a uma empresa externa", que será acompanhada e coordenada pelo regulador das comunicações.

Uma das grandes vantagens da futura aplicação será "a classificação automatizada das reclamações por motivo", o que facilitará à entidade reguladora medir os níveis de insatisfação dos consumidores. "A plataforma dará resposta não só ao setor das comunicações eletrónicas mas também ao setor postal", sublinha.

"Pretende-se que a nova estrutura otimize e apoie a relação com as empresas e consumidores, nomeadamente através de canais de comunicação dedicados e processos que envolvem IA para a classificação, por motivo, de todas as reclamações recebidas", esclareceu o regulador ao DN/Dinheiro Vivo.

A expectativa é que seja desta forma que a Anacom alcance "uma visão abrangente e completa sobre o comportamento do mercado" que permita "atuar de forma mais eficaz na defesa dos interesses dos consumidores".

A informação que vier a ser obtida pela AEXCIA será disponibilizada ao público através da STAT.ANACOM, outra ferramenta que está a ser desenvolvida, segundo a mesma fonte, para divulgação de informação estatística do regulador.

O valor do investimento que a Anacom irá fazer na AEXCIA não foi revelado, mas fonte oficial assegura que o montante a canalizar para a plataforma de IA cumpre o Código dos Contratos Públicos, "ou seja, baseia-se nos valores de mercado após consulta a várias empresas, estando alinhado com o esforço de desenvolvimento em projetos desta natureza".

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

Preço do leite sobe, mas não para produtores

O preço do leite aumentou dois cêntimos para os consumidores entre janeiro e março, atingindo os 0,86 euros por litro, mas o valor pago ao produtor recuou ligeiramente neste período. De acordo com dados do Observatório de Preços, entre 1 de janeiro e 25 de março o preço de um litro de leite UHT meio gordo passou de 0,84 para 0,86 euros. O pico foi atingido no final de fevereiro, quando um litro passou a custar 0,87 euros.

Mas o acréscimo que os consumidores passaram a pagar não se refletiu no preço pago aos produtores. O Observatório de Preços só apresenta o valor pago pelo leite aos produtores do continente entre 1 e 29 de janeiro, período em que se manteve estável nos 0,47 euros. Contudo, os dados do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP) revelam que o leite adquirido a produtores individuais teve o seu preço fixado em 0,457 euros por quilograma em abril, abaixo dos 0,460 euros de janeiro.

Nos Açores, o leite comprado a produtores individuais, com transporte a cargo da fábrica, caiu, entre janeiro e abril, de 0,406 euros/kg para 0,397 euros/kg. Já o mesmo comprado a produtores individuais que entregam em postos de receção da fábrica passou de 0,387 euros/kg em janeiro para 0,379 euros/kg em abril.

Nos primeiros quatro meses do ano, o preço do leite biológico à produção caiu de 0,563 euros/kg para 0,550 euros/kg. Em 2023, o preço à produção desceu, em média, 11 cêntimos por litro.

No caso da manteiga, a subida de preço ao consumidor foi ainda mais expressiva, passando de 8,10 euros/kg para 8,34 euros/kg em 25 de março. Neste caso, o preço médio semanal à saída da fábrica tem vindo a crescer: em 8 de janeiro estava em 563,70 euros/100 kg e em 27 de maio já se situava nos 578,31 euros/kg.

DV/LUSA

Zelensky apresentará à Rússia plano de paz da comunidade internacional

CIMEIRA Líderes ocidentais, como a vice-presidente dos EUA, dizem que proposta de cessar--fogo de Putin é um pedido de rendição. Mas há quem critique sanções a Moscovo, como Riade.

TEXTO **ANA MEIRELES**

LUDOVIC MARIN / AFP

A presidente suíça, Viola Amherd, e Volodymyr Zelensky posam para uma foto de família com os líderes presentes na cimeira.

Volodymyr Zelensky garantiu ontem que apresentará a Moscovo uma proposta para acabar com a guerra assim que esta for acordada pela comunidade internacional. Este compromisso foi assumido na Suíça no discurso inaugural do presidente ucraniano na cimeira inaugural sobre a paz no seu país, na qual participaram mais de 90 países, mas não a Rússia.

"Devemos decidir juntos o que significa uma paz justa para o mundo e como pode ser alcançada de forma duradoura", disse Zelensky. "Depois será comunicado aos representantes da Rússia, para que na segunda cimeira de paz possamos fixar o verdadeiro fim da guerra", acrescentou, não revelando se está preparado para dialogar diretamente com o líder russo.

Na véspera desta cimeira, Vladimir Putin fez saber as suas condições para pôr fim ao conflito, apelando à Ucrânia para retirar as suas tropas das zonas anexadas unilateralmente pela Rússia e para renunciar à adesão à NATO, condições rapidamente rejeitadas por Zelensky. "Ele não está a pedir negociações, está a pedir rendição", afirmou ontem a vice-presidente dos EUA, Kamala Harris.

O chanceler alemão, Olaf Scholz, referiu que um cessar-fogo sem "negociações sérias com um roteiro para uma paz duradoura, apenas legitimaria a apropriação ilegal de terras pela Rússia", enquanto a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, insistiu que "congelar o conflito hoje com tropas estrangeiras que ocupam terras ucranianas não é uma resposta, na verdade é uma receita para futuras guerras de agressão". Também o presidente francês insistiu que trazer um fim sustentável à guerra com a Rússia não poderia envolver a "capitulação" de Kiev. "Todos nós estamos comprometidos em construir uma paz sustentável. Tal paz não pode ser uma capitulação ucraniana", declarou Emmanuel Macron, acrescentando: "Há um agressor e uma vítima."

> O primeiro-ministro japonês, Fumio Kishida, considerou ontem, na cimeira sobre a paz na Ucrânia, que as tensões causadas na Europa pelo conflito "podem amanhã estender-se à Ásia Oriental".

Mas alguns países fora do círculo tradicional de aliados da Ucrânia sublinharam ontem na cimeira a necessidade de dar voz à Rússia e criticaram algumas sanções ocidentais contra Moscovo. Para o ministro dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita, Faisal bin Farhan Al-Saud, Kiev teria de estar preparada para um "compromisso difícil" se quisesse acabar com o conflito. E o presidente do Quénia, William Ruto, criticou o empréstimo de 50 mil milhões de dólares à Ucrânia, garantido por lucros de ativos russos congelados, acordado esta semana pelo G7. "A apropriação unilateral de ativos russos é igualmente ilegal", referiu Ruto no seu discurso de abertura, depois de considerar a invasão da Rússia "um espetáculo horrível de carnificina e devastação".

Mais radical, o presidente da Colômbia cancelou ontem a sua participação na cimeira, criticando o encontro por "construir blocos para a guerra". "O que encontramos em relação à conferência pela paz, entre aspas, na Suíça, é basicamente um alinhamento à guerra, por isso decidi suspender minha visita", referiu Gustavo Petro.

O primeiro-ministro japonês, Fumio Kishida, por seu turno, alertou para se procurar soluções para a guerra na Ucrânia, pois as tensões causadas na Europa pelo conflito "podem amanhã estender-se à Ásia Oriental".

Ajuda dos Estados Unidos

A vice-presidente dos EUA anunciou ontem, à chegada à Suíça, mais de 1,5 mil milhões de dólares (cerca de 1,4 mil milhões de euros) em nova ajuda à Ucrânia, e que inclui cerca de 466 milhões de euros em novos financiamentos para assistência energética. Outros 302 milhões de euros em financiamento da USAID anunciados anteriormente também seriam redirecionados para responder a necessidades energéticas de emergência.

O novo pacote inclui mais cerca de 353 milhões de euros em assistência humanitária. O Departamento de Estado, com o apoio do Congresso, fornecerá outros cerca de 280 milhões de euros em assistência à segurança civil ucraniana. "Este apoio irá ajudá-los a operar com segurança nas linhas de frente para defender o território da Ucrânia, resgatar civis alvo dos ataques do Kremlin, proteger infraestruturas críticas e investigar os mais de 120 mil casos registados de crimes de guerra e outras atrocidades", concluiu Harris.

ana.meireles@dn.pt

Negociações com UE começam dia 25

Os embaixadores dos 27 Estados-membros da União Europeia chegaram a um "princípio de acordo" para a abertura de negociações formais de adesão à Ucrânia e Moldova, que começarão no dia 25. Esta decisão deverá ser validada no dia 21 numa reunião de ministros europeus, sendo que nos Países Baixos é necessária a aprovação do Parlamento. "Cumprimos as nossas promessas e iremos apoiá-los no caminho da adesão", referiu o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel. Os chefes de Estado e de governo da UE abriram o caminho para as negociações com os dois países em dezembro. Mas a Hungria tem retido a abertura formal das negociações com a Ucrânia, por considerar que as condições não foram cumpridas. A Comissão Europeia, por seu lado, estimou no passado dia 7 que a Ucrânia e a Moldova tinham cumprido todos os pré-requisitos.

FABIO RODRIGUES POZZEBOM / AGENCIA BRASIL / AFP

Presidente entre 2016 e 2019, Temer vê o próprio governo "muito positivamente".

"Golpista? Não se fala mais nisso no Brasil", diz Temer

LIDERANÇAS Fã da literatura e da gastronomia portuguesas – "e do professor Marcelo" –, o presidente do Brasil de 2016 a 2019 diz ao DN que manteve "relações respeitosas com Bolsonaro". E que Lula devia investir na "pacificação".

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

Cinco anos após ter saído do Palácio do Planalto – e oito depois de lá chegar –, a Michel Temer, como a outros ex-presidentes do Brasil, está reservado agora o papel de "reserva moral". De São Paulo, onde mora, olha para o passado, para o presente e para o futuro do país que liderou de 2016 a 2019. E em conversa com o DN um bocadinho para Portugal, no outro lado do Atlântico.

Temer, 83 anos, foi procurador-geral de São Paulo e secretário de Segurança Pública estadual antes de, aos 47, chegar à Câmara dos Deputados, onde esteve, somando dois períodos, 21 anos como parlamentar. Pelo meio presidiu a casa em duas ocasiões, até, em 2010, ser candidato a vice-presidente de Dilma Rousseff pelo MDB, o partido em que milita desde 1981, que foi a oposição legal à ditadura militar e que em democracia se tornou uma amálgama conservadora de centro-direita.

Em 2016, na sequência de um controverso processo de *impeachment* que derrubou Dilma, passou da vice-presidência à presidência da República, como antes dele José Sarney, sucedendo ao falecido Tancredo Neves, e Itamar Franco, sucedendo ao deposto Collor de Mello. À direita ganhou o epíteto de "salvador", por estancar uma crise económica; à esquerda, o de "traidor", por ter tramado a queda da presidente nos corredores de Brasília com parlamentares do seu e de outros partidos.

Na campanha presidencial de 2022, o hoje presidente, Lula da Silva, mentor de Dilma, chamou-o de "golpista", para êxtase dos eleitores do PT, mas a animosidade da esquerda contra o ex-vice de Dilma vem, progressivamente, sendo atenuada, em parte graças às suas posições ponderadas de centro, em parte graças ao advento da extrema-direita, liderada por Jair Bolsonaro.

> Após o *impeachment* de Dilma que o levou à presidência, à direita Temer ganhou o epíteto de "salvador", por estancar uma crise económica, à esquerda o de "traidor", por ter tramado a queda da presidente nos corredores de Brasília.

O próprio Temer, aliás, considera esse tema uma questão ultrapassada: "Golpista? Não se fala mais desse assunto no Brasil. Todos compreenderam que houve simples cumprimento da Constituição Federal."

Na citada "reserva moral" Michel Miguel Elias Temer Lulia, nascido na cidade de Tietê, com menos de 40 mil habitantes, a cerca de 120 km de São Paulo, elogia, aliás, os seus sucessores: Bolsonaro, que chegou a pedir-lhe ajuda institucional em momentos de perturbação no seu governo, e Lula, com quem mantém relação mais ou menos neutra.

O presidente do Brasil de 2016 a 2019 acha que Lula "está fazendo o possível". "Resta, contudo, para o meu paladar político, tomar medidas pacificadoras voltadas ao país", sublinha. "Qual a nossa relação? Mantemos relações formais."

Sobre Bolsonaro lembra que, "realmente, ajudei-o quando por ele consultado. Tenho com ele uma relação cerimoniosa e muito respeitosa", afirma. "O seu governo deu sequência às medidas tomadas pelo meu governo. Daí ter sido muito positiva a sua Administração."

Temer vê o próprio governo "muito positivamente", por ter efetuado reformas, melhorado os indicadores económicos e respeitado sempre as regras democráticas. "Pontos a destacar: reforma trabalhista, a reforma do ensino médio, o teto constitucional para os gastos públicos, a aprovação da lei das estatais, que as recuperou financeira e administrativamente, a queda da inflação de dois dígitos para 2,75% e a queda dos juros e taxa Selic [taxa básica de juros] de 14,50% para 6,50%, além do respeito absoluto aos critérios democráticos do nosso país", enumera Temer ao DN.

Entretanto, foi criticado por não ter convidado nenhuma mulher nem nenhum afro-brasileiro para chefiar os seus 23 ministérios e por uma gravação feita pelo empresário Joesley Batista, onde, supostamente, o então presidente o autoriza a oferecer dinheiro pelo silêncio de Eduardo Cunha, o presidente da Câmara dos Deputados que conduziu o processo de *impeachment* de Dilma. Na gravação, Temer ainda indica o assessor Rodrigo Rocha Loures para a resolução de problemas com a J&F, a empresa de Joesley, o mesmo Loures que é filmado depois com uma mala com dinheiro enviada pelo empresário.

Em sua defesa, o governante disse à época que "simplesmente ouviu" as reclamações do empresário, sem lhe conceder qualquer benefício estatal, e que não renunciaria à presidência. Primeiro presidente do Brasil a responder por um crime durante o mandato, Temer viu o Congresso Nacional rejeitar duas denúncias contra si. Sobre o caso, garante que "nada condicionou nem abalou o nosso governo. Fomos até ao fim e passámos a faixa presidencial".

Uma das decisões do antigo presidente mais discutidas foi a nomeação de Alexandre de Moraes, o então seu ministro da Justiça, para o Supremo Tribunal Federal. Hoje, Moraes passou de contestado à esquerda a principal alvo do bolsonarismo, por ter em mãos "o caso das milícias digitais", que calou bolsonaristas autores de *fake news*, e "o caso dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro", que mandou para a cadeia os vândalos que atacaram a Praça dos Três Poderes.

"Alexandre de Moraes, que foi ministro da Justiça do meu governo, é renomado constitucionalista, como tal foi perfeita a sua escolha para juiz da Corte Suprema do país", assinala Temer.

Filho mais novo de oito de Nakhoul Elias Temer Lulia e Marchi Barbar Lulia, emigrantes libaneses chegados ao Brasil na década de 20 do século passado, em Btaaboura, aldeia natal dos pais, uma das ruas chama-se Rua Michel Tamer [com "a"], presidente do Brasil.

Mas além dos laços com o Líbano o antigo governante mantém relação próxima com Portugal. "Sou amigo e fã do professor Marcelo Rebelo de Sousa, a quem conheço das nossas lides no Direito Constitucional", começa por sublinhar Temer. "E a minha relação com o país é a melhor possível, visito Portugal com muita frequência, antes, oficialmente, agora, academicamente. A cultura local, a literatura e a gastronomia tocam-me profundamente, sou admirador e cultor de todas elas."

G7. Itália destaca "sucesso" da cimeira

A primeira-ministra italiana afirmou ontem que a cimeira do G7 foi um "sucesso inegável", destacando o consenso entre os participantes em várias questões, como a guerra na Ucrânia e o conflito entre o Hamas e Israel em Gaza. Giorgia Meloni deu como exemplo do sucesso da cimeira, que Itália organizou entre quinta-feira e sábado em Puglia, a aprovação da "declaração final da reunião um dia antes do final", algo que "não acontece com muita frequência".

Sobre as relações com a China, a primeira-ministra italiana sublinhou que as sete maiores economias do mundo (EUA, Canadá, França, Alemanha, Itália, Reino Unido e Japão) queriam enviar a Pequim a mensagem de que o grupo "está aberto ao diálogo, mas as empresas devem poder competir em condições de igualdade num mercado livre baseado em regras".

E abordou ainda um ponto de discórdia, que foi a possível inclusão do direito ao aborto no texto final das conclusões da cimeira. "A controvérsia" sobre a palavra aborto na declaração final foi "construída de uma forma totalmente artificial", disse. A discussão "de facto não existiu na cimeira" ou nas conversações, afirmou.

A proposta de declaração final da cimeira do G7 em Itália, conhecida na sexta-feira, condena a violação dos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIA+, mas a inclusão do direito ao aborto acabou em divergência. Os primeiros rascunhos incluíam uma alusão explícita, que acabou deixada de lado, aparentemente devido às dúvidas do Executivo de Meloni.

Falou também das europeias, dizendo esperar que a União Europeia compreenda a "mensagem" enviada pelos eleitores, depois de partidos de extrema-direita como o seu, o Irmãos de Itália, terem obtido ganhos. "Os cidadãos votam por uma razão. Parece-me que chegou uma mensagem, e chegou claramente", afirmou

Os líderes da União Europeia vão reunir-se informalmente amanhã, em Bruxelas, para negociar os vários cargos de topo, incluindo a presidência da Comissão Europeia e se Ursula von der Leyen conseguirá um segundo mandato. Mas Meloni não deu a conhecer o seu apoio. "O que me interessa é que Itália seja reconhecida pelo papel que merece. Então farei as minhas avaliações", disse.

BREVES

Hollande vai concorrer às legislativas

O socialista François Hollande anunciou ontem que vai concorrer às eleições legislativas antecipadas francesas, que decorrerão dentro de duas semanas, o que marca o regresso à vida política do antigo presidente, antecessor de Emmanuel Macron no Eliseu. Hollande justificou a sua candidatura pela Frente Popular pelo "perigo" representado pela extrema-direita, que "nunca esteve tão perto do poder". "Se tomei esta decisão, é porque senti que a situação era grave. Numa situação excecional, uma decisão excecional", prosseguiu o socialista, referindo ter três prioridades: a França, o progresso e Corrèze, círculo pelo qual vai voltar a ser candidato. Na quinta-feira já tinha dado o seu apoio à Frente Popular, aliança de partidos de esquerda, pois era preciso ir "além das divergências" perante o risco de um governo de extrema-direita.

Ramaphosa reeleito presidente

O presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, tomará posse para um segundo mandato de cinco anos na quarta-feira, em Pretória, após ser reeleito pelo Parlamento para liderar uma coligação de unidade nacional sem precedentes, foi ontem anunciado. Na sexta-feira, a Assembleia Nacional da África do Sul reelegeu Ramaphosa para liderar o país, apesar de ter perdido a maioria absoluta nas eleições de 29 de maio, horas depois de John Steenhuisen, líder do principal partido da oposição, a Aliança Democrática, de centro-direita, ter dito que tinha chegado a um acordo com o partido do presidente para um "governo de unidade nacional". Esta foi a primeira vez que o ANC perdeu a sua maioria absoluta desde as eleições de 1994, quando Nelson Mandela se tornou presidente e o regime do *apartheid* foi abolido.

Análise
Germano Almeida

Dilema NATO: proteger Kiev sem consumar adesão

Joe Biden lançou um balde de água fria sobre Kiev quando, na recente entrevista à ABC News, alegou: "O objetivo é assegurar que a Rússia nunca, nunca, nunca, nunca ocupa a Ucrânia. E isso não significa a NATO, não significa que a Ucrânia faça parte da NATO."

A menos de um mês da Cimeira de Washington – e depois do caminho aberto em Madrid (2022) e, sobretudo, em Vilnius (2023) – esta posição só pode ser encarada como um cuidado do presidente democrata, em sérias dificuldades de garantir a reeleição e de fixar eleitorado, que vê com receios suplementares uma eventual promoção americana de uma adesão da Ucrânia à Aliança Atlântica.

Julianne Smith, representante permanente dos EUA na NATO, detalhou a visão da Administração Biden: "O que espero que os aliados façam na Cimeira da NATO é construir uma ponte para a adesão, oferecendo à Ucrânia um resultado que lhes permitirá aproximar-se ainda mais desta Aliança."

E já haverá um plano para consumar este dilema cada vez mais saliente: como proteger Kiev da agressão russa sem consumar já a adesão da Ucrânia? A NATO está a ponderar estabelecer uma unidade permanente em Kiev, num sinal do seu compromisso de longo prazo com a Ucrânia. Seria um polo semelhante ao que existiu no Afeganistão nos quase 20 anos em que a Aliança Atlântica teve uma presença naquele país.

Esta via parece mais prudente – mas está longe de ser consensual. Alguns líderes ou conselheiros de alto nível de países da Aliança temem que atrasar o processo de adesão da Ucrânia apenas recompense e encoraje Putin. Outros dizem que trazer a Ucrânia para a NATO prematuramente – e embora o país ainda esteja a travar uma guerra de defesa em grande escala contra a invasão russa – apenas irá acelerar um confronto NATO-Rússia.

Kiev garante estar preparada

Do lado de Kiev a assertividade não poderia ser maior: estão preparados para aderir já. "O nosso exército trabalha de acordo com os padrões da NATO. Implementámos todas as reformas necessárias e agora estamos a um passo de sermos convidados", garante o primeiro-ministro ucraniano, Denys Shmigal. "O que a Ucrânia está a fazer neste momento é proteger os valores e as fronteiras do mundo civilizado. Apoiar a Ucrânia é proteger o futuro global", insiste Shmigal.

Na mesma linha, Dmytro Kuleba, chefe da diplomacia de Kiev, já tinha garantido no fim de março que a Ucrânia está a trabalhar para garantir "um passo forte e de grande alcance" para a adesão à NATO na próxima cimeira, em julho. "A Ucrânia cumpre os principais critérios de adesão, que é a capacidade de defender as fronteiras da NATO. É isso que estamos a fazer ao defender a Ucrânia."

No rescaldo dos encontros com Biden e Macron em Paris, o presidente Zelensky aponta, em jeito de apelo: "Estes são os meses para tomar decisões estratégicas." O líder ucraniano agradeceu o apoio reforçado por França e EUA nos dias que rodearam os 80 anos do Dia D – o mais recente deles foi a garantia francesa que acompanha Washington no apoio à utilização de lucros dos ativos russos para assistência militar e financeira à Ucrânia.

Os acordos bilaterais de cooperação e segurança a 10 anos com EUA e Japão e, sobretudo, a transferência, até ao fim do ano, de 50 mil milhões de euros de lucros dos bens russos congelados para ajudar na recuperação e reconstrução da Ucrânia foram provas reforçadas, no âmbito do G7 em Itália, de que Kiev vai continuar a estar bem acompanhada na sua resistência definidora ao invasor russo.

Kharkiv estancada (para já)

No terreno o pior parece já ter passado no *oblast* de Kharkiv.

A permissão do uso de armas ocidentais por parte da Ucrânia contra alvos militares em solo russo ajudou ao estancar a ofensiva russa. Zelensky garante: a "operação russa em Kharkiv foi um fracasso". "Falei com o comandante em chefe sobre a situação geral. Um resultado muito significativo é que o exército russo falhou na sua operação em Kharkiv. Agora estamos a contê-los ao máximo e a destruir unidades russas que entram no nosso território e aterrorizam a região de Kharkiv", afirmou o presidente ucraniano. Zelensky acrescentou que "a frente de Kharkiv foi reforçada e será ainda mais fortalecida".

A Ucrânia atingiu um caça russo (Su-57) estacionado num aeródromo no Sul da Rússia, a 589 quilómetros da frente de batalha. É a primeira vez que a Ucrânia consegue atingir um caça russo para lá da fronteira – e logo um dos aviões mais caros da esquadra russa (cerca de 30 milhões de dólares), equiparável aos F-35 norte-americanos. As imagens de satélite mostram que o caça estava intacto em 7 de junho, mas sofreu danos após um ataque em 8 de junho. Nesse dia, a Rússia relatou um ataque de drones em várias regiões, incluindo Astrakhan, onde fica esse aeródromo.

Especialista em Política Internacional.

Como conjugar mercado e Europeu? Ser técnico e conselheiro, eis o desafio de Martínez

EQUILÍBRIO Manter a concentração durante a competição, ao mesmo tempo que negoceiam contratos para a nova época, é o grande desafio dos futebolistas. O psicólogo Jorge Silvério admite ser complicado de gerir, mas defende que o selecionador deve ter um papel de conselheiro, para avaliar bem todas as variáveis da equipa. A seleção nacional tem vários casos pendentes, sendo o de João Félix aquele que exige "mais paciência".

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

De dois em dois anos a história repete-se. Ao mesmo tempo que decorre uma grande competição de seleções – Europeu ou Mundial –, está aberto o mercado de transferências de verão, que movimenta milhões e durante o qual os futebolistas procuram garantir melhores contratos e assegurar o futuro. A questão é pertinente: qual a melhor forma de gerir este momento por parte de selecionadores e jogadores quando é fundamental manter a concentração para uma competição curta, em que qualquer erro pode ser fatal?

Jorge Silvério, especialista em psicologia desportiva, admite que o melhor seria "ter tudo resolvido antes da competição", à semelhança do que aconteceu com o avançado Kylian Mbappé, que duas semanas antes da estreia da seleção francesa frente a Áustria foi anunciado como reforço do Real Madrid, naquela que promete ser a transferência mais mediática do ano. No entanto, essa é uma situação ideal que raramente é possível ser concretizada. Como provam as diversas situações pendentes na seleção nacional, pois afinal jogadores como Diogo Costa, João Cancelo, Pepe, João Palhinha, António Silva, Gonçalo Inácio, João Neves, Bruno Fernandes, Rafael Leão, Francisco Conceição, Bernardo Silva e João Félix não têm 100% de certeza em relação ao clube que vão representar na próxima temporada.

"Estamos a falar com jogadores já com experiência ao mais alto nível, atletas de topo que têm os seus próprios agentes", recorda Jorge Silvério, para dizer que a melhor solução é que "digam aos seus representantes para irem resolvendo esse tipo de questões", sendo essa, em sua opinião, "a melhor forma de precaver e reduzir" eventuais momentos de tensão em relação a esta indefinição. Só que há sempre questões mais complicadas do que outras e na seleção nacional há um caso bastante delicado, que tem a ver com João Félix, que na última época esteve emprestado ao Barcelona e cuja eventualidade de um regresso ao Atlético de Madrid, tendo em conta a relação turbulenta com o treinador, Diego Simeone, se afigura muito problemática, ao mesmo tempo que o Barça não parece ter, de momento, argumentos financeiros para o contratar.

> "O treinador pode até servir de conselheiro e, dessa forma, participar no processo de decisão sobre o futuro do atleta. Ao fazê-lo, acompanha de perto o estado mental e psicológico do futebolista", diz o psicólogo Jorge Silvério.

O especialista esboça um sorriso quando colocado perante este problema, admitindo que na realidade "não será fácil para o jogador", mas o importante é mostrar-lhe que "a situação vai resolver-se", pois trata-se de "uma questão de paciência" para a qual ele tem de estar mentalizado. É que nesta altura, bem vistas as coisas, um rendimento de excelência no Euro 2024 pode abrir portas que até agora têm estado fechadas. E há vários exemplos bem recentes, mesmo na equipa das Quinas. Recorde-se o caso de Gonçalo Ramos, que depois do *hat-trick* no Mundial 2022 frente à Suíça, despertou o interesse do Paris Saint-Germain. Isto para já não falar de Renato Sanches, que foi o melhor jogador jovem do Euro 2016, o que lhe valeu uma transferência para o Bayern Munique.

Martínez atento a João Neves

Pela experiência acumulada como psicólogo da seleção nacional de futsal, campeã mundial em 2021, Jorge Silvério lembra que as equipas nacionais "têm sempre regras de funcionamento", pelo que entre treinos, descanso e momentos de convívio há "sempre tempo para resolver" questões que surjam, nomeadamente relacionadas com contratos. E neste sentido defende que o envolvimento do selecionador nacional nestas questões "é muito importante". "O treinador pode até servir de conselheiro e, dessa forma, participar no processo de decisão sobre o futuro do atleta. Além disso, ao fazê-lo, acompanha de perto o estado mental e psicológico do futebolista e pode facilitar o seu pro-

A proximidade com os jogadores poderá ser um trunfo de Roberto Martínez para lidar com as indefinições do mercado de transferências.

MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

João Félix ainda não sabe onde irá jogar na próxima época.

RODRIGO ANTUNES/LUSA

cesso de escolha do onze", acrescentou.

Roberto Martínez não abordou até ao momento a forma como pretende gerir esta situação durante o Euro 2024, mas em declarações ao *podecast* Five deu a entender ser um treinador interventivo neste processo ao falar do futuro do jovem João Neves. "Os seus próximos 50 jogos serão muito importantes para a carreira dele, e obviamente que todos nós vamos tentar ajudá-lo ao máximo para que tome a melhor decisão", disse no início deste mês, lançando nessa altura uma questão: "Será para ele a melhor decisão deixar o Benfica este verão ou deverá ficar pelo menos mais uma temporada? Esta é provavelmente a única dúvida que existe."

E de facto João Neves, à semelhança de Diogo Costa, António Silva, Gonçalo Inácio e Francisco Conceição, é um jovem futebolista que ainda atua na Liga portuguesa e pode aproveitar uma grande montra como é a fase final do Campeonato da Europa para mostrar todo o seu talento e conseguir, desta forma, um contrato milionário com uma das equipas dos melhores campeonatos mundiais.

Apesar de a comitiva da seleção nacional que está na Alemanha não incluir um psicólogo, Jorge Silvério acaba por desvalorizar esse facto, na medida em que "a maioria dos atletas tem um especialista que o acompanha regularmente", pelo que "há sempre uma videochamada ou um telefonema" que pode resolver situações que eventualmente possam surgir.

carlos.nogueira@dn.pt

Diogo Costa, António Silva, Gonçalo Inácio João Neves e Francisco Conceição ainda atuam na I Liga e podem aproveitar uma grande montra como é a fase final do Euro 2024 para mostrarem todo o seu talento e conseguirem um contrato milionário.

Dalot lembra que só dos vencedores reza a história

SELEÇÃO Lateral direito gosta de competir por um lugar no onze de Portugal e pede concentração para o jogo com a República Checa.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

A seleção portuguesa tem muita qualidade e potencial, mas para ficar na história isso não basta. Palavra de Diogo Dalot. "As pessoas querem acreditar que a nossa seleção pode ser das melhores que Portugal já teve, mas a que será sempre lembrada é a que ganhar. Todos se lembram da de 2016. Se queremos ficar na história de Portugal, temos de trabalhar para isso e fazer-nos ser lembrados. Podemos ter muita qualidade e muito potencial, mas o que conta, no fim, é quem vence, quem ficará para a história", disse ontem em conferência de imprensa em Marienfeld, quartel-general da seleção na Alemanha.

Depois da eufórica receção dos emigrantes e da presença de milhares de adeptos no treino aberto, diz ser importante a equipa concentrar-se no que tem a fazer. "Não queremos que esta euforia e este apoio se excedam em nós próprios. Agora é hora de trabalhar e de vencer o primeiro jogo. O grupo está bastante focado em entrar no Europeu com o pé direito", avisou o camisola 3 da equipa das Quinas, apontando à República Checa, adversário de terça-feira, na estreia na competição: "É importante vencer o primeiro jogo. Quantos mais golos melhor, mas o objetivo é ganhar."

A derrota com a Croácia na preparação para o Europeu serviu de lição. "Apesar da fase de apuramento imaculada, às vezes precisamos de testes contra equipas mais experientes. Foi bastante importante para testarmos algumas coisas que teriam de ser testadas. Olhamos para isso de forma bastante positiva, para sabermos estar em desvantagem e como devemos reagir", defendeu.

Diogo Dalot viveu "talvez" a melhor época da carreira a nível pessoal e até foi eleito jogador do ano pelos colegas do Manchester United, mas sabe que isso agora não conta e que terá de enfrentar a concorrência de João Cancelo, Nélson Semedo e Nuno Mendes por um lugar no onze: "Dá-me prazer esse tipo de competição."

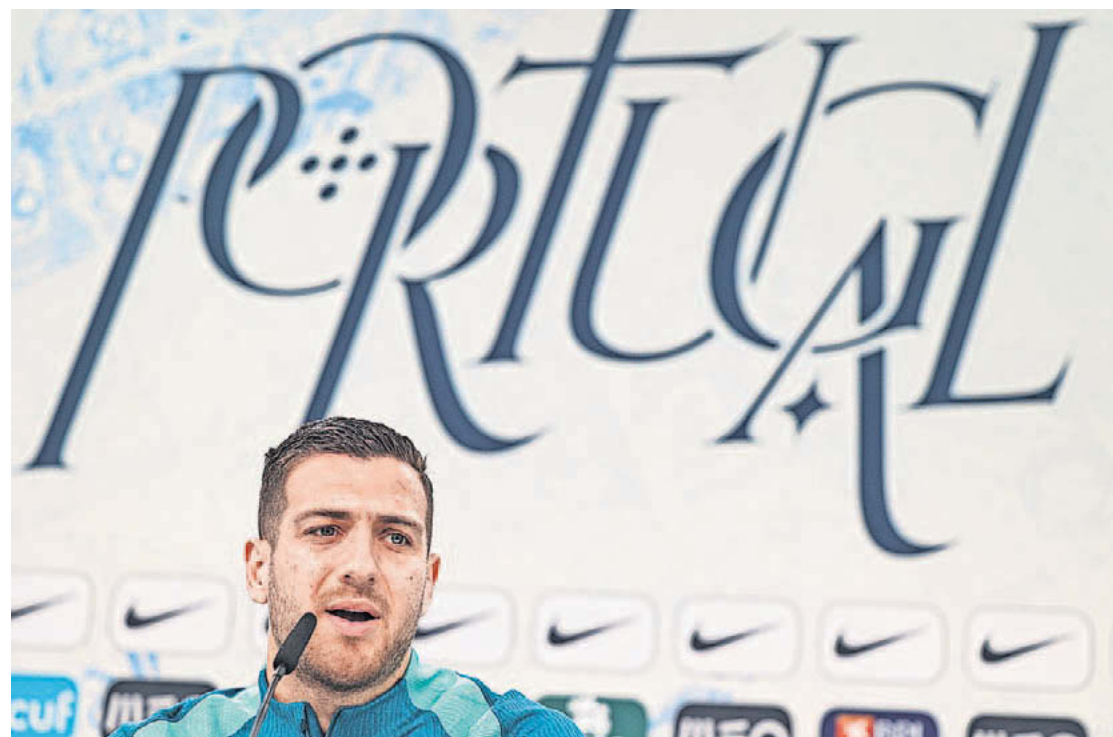
Lateral do Manchester United tem forte concorrência na luta por um lugar no onze português: João Cancelo, Semedo e Nuno Mendes.

Mas como joga nas duas laterais e se sente confortável a jogar em qualquer sistema tático, isso pode dar-lhe alguma vantagem. "Confesso que me sinto confortável tanto numa linha de quatro como de cinco, consigo dar o meu melhor nos dois. Depois caberá ao *mister* decidir qual a melhor tática para irmos a jogo. Acho que já demonstrámos que conseguimos ser fortes a atacar e a defender em ambas as táticas e isso é o mais importante", garantiu o defesa.

De resto, a ambição do lateral é a mesma de Ronaldo: "O Cristiano vai pensar sempre em grande e nós queremos acompanhar. É a pessoa que mais venceu e o pensamento será sempre esse, mas ele sabe que para lá chegar temos de ir dia a dia e jogo a jogo."

À procura de um cognome

Roberto Martínez lançou um desafio a todos os fãs: qual a alcunha desta geração? O concurso está aberto na página da Federação Portuguesa de Futebol. Todos os que estão registados como adeptos da seleção podem participar. "Os Magriços", "os Patrícios", "os Navegadores" ou "os Conquistadores" foram alguns dos cognomes da equipa das Quinas até hoje.

isaura.almeida@dn.pt

MIGUEL A. LOPES/LUSA

Diogo Dalot quer equipa concentrada para entrar a vencer no Europeu.

Thuram contra Le Pen

Apesar da UEFA proibir mensagens políticas, Marcus Thuram, durante uma conferência de imprensa, pediu aos franceses para lutarem contra a extrema direita, após a vitória do partido de Marine Le Pen, nas Europeias, em França, que levou Macron a dissolver a Assembleia Nacional.

Yamal é o mais jovem de sempre: 16 anos e 338 dias

Lamine Yamal foi titular no Espanha-Croácia e tornou-se o atleta mais jovem de sempre a jogar um europeu de futebol, com 16 anos e 338 dias, batendo o recorde do polaco Kacper Kozlowski, que tinha 17 anos e 246 dias quando jogou justamente frente a Espanha no Euro 2020. Yamal fará 17 anos um dia antes da final do Europeu e se lá chegar bate o recorde de Renato Sanches, o mais jovem a jogar o jogo decisivo e a ser campeão, com 18 anos e 327 dias.

Morata marcou e entrou para o top3 dos goleadores em Europeus.

GABRIEL BOUYS / AFP

Primeira parte de luxo dá vitória sólida a Espanha

GRUPO B Morata marcou no triunfo espanhol sobre a Croácia (3-0) e entrou no lote dos melhores marcadores de sempre em Europeus.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

A nova geração espanhola teve uma preciosa ajuda da velha guarda para vencer a Croácia (3-0) na primeira jornada do Grupo B, o chamado grupo da morte, que também tem a campeã Itália e a Albânia.

Zlatko Dalic alinhou no Estádio Olímpico de Berlim com o mesmo onze com que entrou em campo no Jamor, no particular que ganhou a Portugal, mas desta vez deu-se mal e saiu derrotado. Do outro lado, Luis De La Fuente apostou no jovem Lamine Yamal, de 16 anos, que assim se tornou no mais jovem de sempre a jogar e a ser titular num Europeu (*ver breves*) e a Espanha conseguiu chegar à vantagem com dois golos em três minutos.

Aos 29 minutos, Fabián Ruiz isolou Morata que recebeu à entrada da área e fez o 1-0. Um golo que coloca o mal amado avançado espanhol como o terceiro melhor marcador em Europeus, com sete golos, em igualdade com Alan Shearer e Antoine Griezmann, só atrás de Michel Platini (9) e Cristiano Ronaldo (14).

Fabián Ruiz foi o melhor em campo e foi ele o responsável pelo 2-0 aos 32 minutos, depois de ludibriar os experientes Modric e Brozovic e acertar na baliza de Livakovic. Sem conseguir mais do que manifestar a intenção de importunar Unai Simón, a Croácia andou perdida e sem pernas para a velocidade de Yamal, que serviu Carvajal para o 3-0 antes do intervalo.

No segundo tempo os croatas tentaram reentrar na discussão do resultado, mas sem sucesso. A seleção espanhola passou quase toda a segunda parte a defender com bola, mas não se livrou de um susto. Ao minuto 80 Bruno Petkovic falhou uma grande penalidade, que, apesar de convertida na recarga seria invalidada por invasão na área antes do permitido.

E assim se esfumou a reação da equipa dos balcãs, que teve como prémio de consolação ter acabado com o reinado de posse de bola do espanhóis. Pela primeira vez em 16 anos e 112 partidas, a *La Roja* terminou com menos posse (46% contra 54%) do que o adversário. A última vez tinha sido no Euro 2008, num jogo com a Noruega, que também venceu na altura (1-0).

isaura.almeida@dn.pt

GRUPO B

ITÁLIA 2-1 ALBÂNIA

A Itália entrou a ganhar no Europeu da Alemanha, batendo a Albânia, por 2-1, em Dortmund, na primeira jornada do grupo B. Bastoni (11') e Barella (16') fizeram os dois golos da equipa de Luciano Spalleti, que praticamente entrou no jogo a perder com um golo que fica na história: Nedim Bajrami (na imagem, atento à movimentação de Calafiori) colocou a Albânia no livro de recordes dos Europeus ao marcar logo 22 segundos de jogo no Signal Iduna Park. O anterior recorde pertencia ao russo Kirichenko que marcou aos 67 segundos do Rússia-Grécia do Euro2004.

ANGELOS TZORTZINIS / AFP

Deschamps vezes 12

Didier Deschamps está à frente da França há 12 anos e é o treinador há mais tempo na mesma seleção. Já o alemão, Julian Nagelsmann, com 36 anos, é o mais novo entre os 24 presentes na prova da UEFA.

Um checo pró-Messi e outro pró-Ronaldo

O checo Mojmir Chytil confessou ontem que sempre foi "pró-Messi". "Ronaldo teve uma carreira excecional, é um dos melhores de todos os tempos, estou ansioso pelo jogo e que lhes possamos dar um gostinho amargo", disse o avançado checo, reconhecendo que Portugal "está recheado de estrelas". Já para o compatriota David Zima, Bruno Fernandes, Bernardo Silva ou Rafael Leão tinham lugar na Rep. Checa e CR7 "ainda é o melhor futebolista do mundo".

EPA/CHRISTOPHER NEUNDORF

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

Alemanha-Escócia 5-1
Hungria-Suíça 1-3
Escócia-Suíça (19/06, 20h00)
Alemanha-Hungria (19/06, 17h00)
Suíça-Alemanha (23/06, 20h00, RTP1)
Escócia-Hungria (23/06, 20h00)

	P	J	G
1.º Alemanha	3	1	5-1
2.º Suíça	3	1	3-1
3.º Hungria	0	1	1-3
4.º Escócia	0	1	1-5

GRUPO B

Espanha-Croácia 3-0
Itália-Albânia 2-1
Croácia-Albânia (19/06, 14h00)
Espanha-Itália (20/06, 20h00, RTP1)
Croácia-Itália (24/06, 20h00, RTP1)
Albânia-Espanha (24/06, 20h00)

	P	J	G
1.º Espanha	3	1	3-0
2.º Itália	3	1	2-1
3.º Albânia	0	1	1-2
4.º Croácia	0	1	0-3

GRUPO C

Eslovénia-Dinamarca (hoje, 17h00)
Sérvia-Inglaterra (hoje, 20h00, TVI)
Eslovénia-Sérvia (20/06, 14h00)
Dinamarca-Inglaterra (20/06, 17h00)
Inglaterra-Eslovénia (25/06, 20h00)
Dinamarca-Sérvia (25/06, 20h00, SIC)

	P	J	G
1.º Dinamarca	0	0	0-0
2.º Inglaterra	0	0	0-0
3.º Sérvia	0	0	0-0
4.º Eslovénia	0	0	0-0

GRUPO D

Polónia-Países Baixos (hoje, 14h00)
Áustria-França (amanhã, 20h00, RTP1)
Polónia-Áustria (21/06, 17h00)
Países Baixos-França (21/06,20h00, SIC)
Países Baixos-Áustria (25/06, 17h00)
França-Polónia (25/06, 17h00)

	P	J	G
1.º França	0	0	0-0
2.º Áustria	0	0	0-0
3.º Polónia	0	0	0-0
4.º Países Baixos	0	0	0-0

GRUPO E

Roménia-Ucrânia (amanhã, 14h00)
Bélgica-Eslováquia (amanhã, 17h00)
Eslováquia-Ucrânia (21/06, 14h00)
Bélgica-Roménia (22/06, 20h00)
Eslováquia-Roménia (26/06, 17h00)
Ucrânia-Bélgica (26/06, 17h00)

	P	J	G
1.º Eslováquia	0	0	0-0
2.º Ucrânia	0	0	0-0
3.º Roménia	0	0	0-0
4.º Bélgica	0	0	0-0

GRUPO F

Turquia-Geórgia (18/06, 17h00)
Portugal-Rep. Checa (18/06, 20h00, SIC)
Geórgia-Rep. Checa (22/06, 14h00)
Turquia-Portugal (22/06, 17h00, RTP1)
Rep. Checa-Turquia (26/06, 20h00)
Geórgia-Portugal (26/06, 20h00, TVI)

	P	J	G
1.º Portugal	0	0	0-0
2.º Turquia	0	0	0-0
3.º Geórgia	0	0	0-0
4.º Rep. Checa	0	0	0-0

OITAVOS-DE-FINAL
29/06: 2.º gr. A-2.º gr. B (J37) - 29/06: 1.º gr. A-2.º gr. C (J38)
30/06: 1.º gr. C-3.º gr D/E/F (J39) - 30/06: 1.º gr. B-3.º gr A/D/E/F (J40)
01/07: 2.º gr. D-2.º gr. E (J41) - 01/07: 1.º gr. F-3.º gr. A/B/C (J42)
02/07: 1.º gr. E-3.º gr. A/B/C/D (J43) - 02/07: 1.º gr. D-2.º gr. F (J44)
QUARTOS-DE-FINAL
05/07: Venc. J39-Venc. J37 (J45) - 05/07: Venc. J41-Venc. J42 (J46)
06/07: Venc. J40-Venc. J38 (J47) - 05/07: Venc. J43-Venc. J44 (J48)
MEIAS-FINAIS
09/07: Venc. J45-Venc. J46 - 10/07: Venc. J47-Venc. J48
FINAL
14/07, em Berlim (20.00)

*Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV

GRUPO A

HUNGRIA 1-3 SUÍÇA

A Suíça venceu a Hungria (3-1), em Colónia, e juntou-se à Alemanha na liderança do Grupo A. Depois de uma 1.ª parte de domínio absoluto, os suíços, que ao intervalo já venciam por 2-0, com golos de Kwadwo Duah (12', na foto) e Michel Aebischer (45') viram os húngaros esboçar uma reação com Barnabás Varga a marcar aos 66'. A tranquilidade helvética chegou pelos pés de Breel Embolo (90'+3'). Foi apenas o quarto triunfo em 19 jogos da Suíça em seis presenças em fases finais de europeus. A Hungria terá de fazer melhor para pontuar frente à anfitriã na próxima ronda.

Kane soma 91 jogos pela seleção inglesa.

ADRIAN DENNIS / AFP

Kane tenta acabar com jejum de títulos

INGLATERRA Capitão e seleção querem acabar com o estigma que os acompanha. Estreia é hoje frente à Sérvia.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

O roteiro dos últimos anos costuma ser o mesmo: com grandes talentos e a liga mais forte do mundo, a Inglaterra chega aos principais torneios de seleções como favorita mas nunca fica com o título. A única vez que os britânicos levantaram um troféu de relevância foi no Mundial de 1966, disputado em casa. Na final da última edição do Europeu, no mesmo palco da decisão dos anos 60, em Wembley, chegaram perto, mas foram derrotados pela Itália nos penáltis.

Se a fama de não conseguir títulos acompanha a Inglaterra, a realidade não é diferente com o capitão da equipa, Harry Kane. Após 14 anos no Tottenham, Kane trocou de camisola no início da última época, quando assinou com o Bayern em busca do que faltava na sua carreira dos tempos de *Spurs*: troféus. Colecionou golos na Alemanha – foram 44 em 45 partidas no decorrer da época – mas não se pode dizer o mesmo dos títulos. No seu primeiro ano na equipa bávara, Kane viu surgir, nada mais nada menos, que a máquina montada por Xabi Alonso no Bayer Leverkusen. A campanha do espanhol à frente do emblema alemão culminou no título invicto da Bundesliga e na quebra da hegemonia do Bayern, que havia ganhado as onze últimas edições do torneio. Na Taça da Alemanha, Kane também viu cair por terra a chance de levantar um inédito troféu no deslize histórico do Bayern frente ao Saarbrücken, da terceira divisão. Na Liga dos Campeões, o que se viu foi uma eliminação traumática contra o Real Madrid, que conta com aquele que pode ser um dos maiores trunfos dos ingleses nesta Euro: Jude Bellingham.

O jovem de 20 anos teve uma primeira temporada de sonho pelos *merengues* ao sagrar-se campeão espanhol e europeu. Uma das novas superestrelas do mundo da bola, Bellingham obteve 39 participações em golos na época (23 finalizações com sucesso e 13 assistências).

A esta dupla de artilheiros, somam-se ainda no ataque os potentes esquerdinos Phil Foden (Manchester City) e Bukayo Saka (Arsenal), respectivos destaques do campeão e vice da *Premier League*. Os quatro devem estar em campo juntos na partida de hoje contra a Sérvia. Será o início de mais uma caminhada para Harry Kane tentar afastar a fama de "pé frio" que o acompanha e para os ingleses enfim provarem que o futebol de fato "voltará para casa", como cantam os adeptos. De falta de recursos, o treinador Gareth Southgate não pode reclamar.

nuno.tibirica@dn.pt

Yves Béhar

“Quando se vive num país com recursos limitados, o *design* é uma forma eficiente de fazer as coisas. Na Suíça ou em Portugal”

DESIGN Foi junto ao jardim do MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, em Lisboa, onde está a sua obra *Port-All*, que o DN falou com o *designer* suíço Yves Béhar. Uma conversa sobre o projeto City Cortex, que leva obras em cortiça às zonas ribeirinhas nas margens norte e sul do Tejo, sobre como é ter clientes como a Apple, Swarovski ou Puma e, claro, sobre a sua Suíça natal.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO** FOTOS **ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS**

Estamos aqui em Belém, junto ao jardim do MAAT, onde se encontra a sua obra *Port-All*, que faz parte do projeto City Cortex. Pode explicar-nos um pouco melhor esse projeto e esta obra?
A cortiça é um material pelo qual me apaixonei e ainda mais depois de visitar a fábrica da Amorim, há um ano, e de falar de todas as suas capacidades, da sua sustentabilidade natural, mas também da sua habilidade sensorial. E estava interessado em criar um projeto que refletisse ambos estes aspetos – o aspeto simbiótico e as capacidades físicas da cortiça. Portanto, surgiu a ideia de construir esta torre como um espaço de boas-vindas, uma vez que estamos perto da Torre de Belém. As torres servem geralmente de entrada; na Idade Média por vezes eram para manter as pessoas do lado de fora, mas eu quis criar algo acolhedor.
Parece-se um pouco com um farol, mas é uma torre?
Pensei nela como uma torre e um portal – chama-se *Port-All*. Um portal para a cidade. E quis dar-lhe um aspeto sensorial – ou seja, quando estamos no interior, está um pouco mais fresco, os sons mudam, é um momento de calma e descanso da cidade e dos barulhos que nos rodeiam. Simbolicamente, tornou-se num local de acolhimento para as pessoas da cidade e as pessoas que vêm à cidade.
A própria cor é diferente no interior, que é verde.
Quando trabalho em projetos é sempre importante para mim fomentar a criatividade das pessoas. Neste caso, para cobrir uma torre, um espaço circular, tanto no interior como no exterior, não é fácil pensar no ladrilho como um sistema repetível. Por isso desenvolvemos um ladrilho especial, que, pelo seu perfil, permite a sua dobragem em qualquer espaço interior ou exterior.
É flexível, portanto.
Sim, queríamos dar este padrão repetitivo com os ladrilhos, e, claro, os ladrilhos, os azulejos, são também um símbolo de Lisboa e de Portugal. A ideia de fazer um ladrilho de cortiça que pudesse ser usado para repetir esta impressão sensorial que damos à torre, tanto no exterior como no interior, nasceu mais na parte de *design* industrial do projeto. Estou sempre a pensar em sistemas, em repetibilidade e em como a minha criatividade pode ser usada para criar o meu uso próprio da cortiça, deste material único.
A ideia de usar cortiça nasceu com a sua visita à fábrica da Amorim, há cerca de um ano, ou, vivendo o Yves parte do ano em Portugal, já tinha pensado em utilizar este material?
Já conhecia a cortiça há muito tempo, das minhas visitas ao Alentejo, obviamente, mas quando vim para Portugal há três anos foi a oportunidade de começar a usá-la, porque o acesso ao material é tão mais fácil aqui. Por exemplo, usámos cortiça

"[A cortiça] é um material do passado que é também um material para o futuro. Os sobreiros são resistentes às alterações climáticas."

nas paredes e assentos de uma casa que renovei aqui em Lisboa. Na verdade, usámos muita cortiça. O cheiro, o isolamento do som, o conforto – quando caminhamos sobre ela tem um efeito amortecedor –, todos estes elementos fizeram-me gostar ainda mais da cortiça.

Também é um material que se coaduna com a sua preocupação com a sustentabilidade...

Sim, é um material do passado que é também um material para o futuro. Os sobreiros são resistentes às alterações climáticas. Tenho um amigo que tem uma propriedade e um hotel no Alentejo, e no ano passado, tirando as casas, o fogo queimou tudo, mas os sobreiros sobreviveram. O facto de consumirem muito pouca água, de se ter de cuidar do sobreiro durante 25 anos antes de tirar a primeira cortiça, depois, de tirar de nove em nove anos, a paciência é recompensada.

É um material que vai continuar a usar noutros projetos?

Estou a usar cada vez mais a cortiça em novos projetos. Sou cofundador de uma empresa de carros elétricos chamada Telo e estamos a usar cortiça nos veículos, pois é um material mais leve e mais sustentável. Estou também a usá-la num barco a energia solar que estamos a desenvolver. Vejo muitas oportunidades diferentes em que a cortiça tem um desempenho melhor do que a madeira tradicional ou do que materiais sintéticos.

Como é para si trabalhar num projeto como este do City Cortex, que junta *designers* e arquitetos de diferentes geografias, como o português Souto de Moura, o espanhol Gabriel Calatrava ou a dupla americana Leong Leong?

Neste tipo de exploração em grupo de um material e da melhor forma de tornar um local mais dinâmico, acho interessante ver as perspetivas dos outros, seja a de um *designer* gráfico, como Stefan Sagmeister, ou de um arquiteto, como Souto de Moura ou Liz Diller. A diversidade de pensamento é ótima e revela uma multitude de ideias diferentes a que a cortiça se pode aplicar. Eu pessoalmente adoro colaborar e fazer parte de algo com outras pessoas criativas. É sempre divertido reencontrar velhos amigos ou conhecer pessoas novas que admiramos e ver como os nossos projetos se intercetam.

E o local foi muito importante quando decidi criar uma torre com um sistema de ladrilhos de cortiça.

Falando um pouco sobre si. Estudou desenho e *design* industrial. Sempre soube que esta era a carreira que queria seguir?

Sou um sortudo, no sentido em que descobri o que adoro fazer quando tinha 14 ou 15 anos, na Suíça. E desde então nunca mais pensei noutra atividade profissional. Foi uma espécie de chamamento. E tem sido incrivelmente gratificante, porque o *design* é sempre diferente, um dia estou a trabalhar num ladrilho de cortiça, no seguinte estou a trabalhar num projeto para países em desenvolvimento, como o One Laptop per Child, e no seguinte estou a trabalhar em novas aplicações tecnológicas, como o primeiro altifalante *bluetooth*, como o Jambox, como as primeiras luzes LED. E assim a capacidade de aplicar a nossa experiência e habilidade em tantos projetos diferentes realmente mantém-nos empenhados, a investigar, a explorar. Além de fomenta o que chamamos polinização cruzada entre projetos. Trabalhei um pouco com cortiça em Portugal e depois pensei: como é que posso usar a cortiça num carro, ou num produto, ou num barco, neste caso. Estar envolvido em tantos tipos diferentes de projetos, na verdade, multiplica a produção e as possibilidades criativas.

Já trabalhou com clientes de várias áreas – da Apple à Puma, Kodak, Swarovski, Samsung, Prada. Algum que tenha sido mais desafiante?

A inovação é sempre um desafio. Inventar coisas novas é desafiante. É preciso estar confortável com o fracasso, porque como *designers* falhamos todos os dias. Tentamos uma determinada abordagem, uma determinada aplicação, e o que acontece é que vamos aprendendo através destes microfalhanços. Logo, estar confortável com o risco, com os desafios da inovação, é o que nos permite inovar e encontrar a melhor solução.

Nasceu em Lausanne, cresceu na Suíça, Quando pensamos em *design* e arquitetura, na Suíça é impossível não pensar em Le Corbusier. Foi uma inspiração para si?

A arquitetura sempre foi uma grande fonte de inspiração. O *design*, para mim, é uma espécie de arquitetura para todos, no sentido em que todos podem tomar uma decisão para a sua casa – quer seja própria ou arrendada. O *design* é a arquitetura acessível. Tenho muitos amigos que são excelentes arquitetos e tenho muita admiração e sou muito inspirado pela arquitetura. Eu próprio tento aplicar o *design* a projetos arquitetónicos. Gosto de desenhar interiores e espaços institucionais, também tenho alguns projetos residenciais, projetos na área da saúde. Por exemplo, desenhámos um sistema de mobília robótica que permite viver com mais conforto e de forma mais inteligente em apartamentos muito pequenos.

Quando pensamos em Suíça, pensamos em queijos, chocolates, relógios, bancos. Mas há mesmo um movimento chamado Swiss Design. Também é algo que faz parte do país?

Quando se vive num pequeno país com recursos limitados, o *design* é uma forma eficiente de fazer as coisas. Julgo que em Portugal é semelhante – os recursos que têm precisam de ser usados de forma eficiente, da forma mais relevante para as vidas das pessoas. De certa forma, quando se olha para o *design* português ou suíço, eles vêm de uma formação humilde do país. A Suíça não foi um país sofisticado durante a maior parte da sua história – teve de aprender a usar os seus recursos da forma mais eficiente e sustentável possível. Era essencial um alto nível de habilidade, um alto nível de engenharia, resolução e disciplina. Todas estas são qualidades suíças, mas também são as que encontro em Portugal.

O Yves é o que se pode chamar um produto multicultural. A sua mãe é alemã, o seu pai é turco, judeu sefardita. Viveu na Suíça, vive nos Estados Unidos e parte do ano em Portugal. Esta mistura de culturas é importante no seu trabalho?

Acho o *design* uma habilidade muito portátil. Quer esteja na Ásia, quer esteja na Europa, quer esteja nas Américas, o *design* é uma linguagem universal que todos entendem. Obviamente, o contexto pode ser diferente. O material e a disponibilidade desses materiais podem ser diferentes. Mas ter a sensação de estar confortável em diferentes culturas e ser um bom ouvinte, ter empatia, todas essas qualidades são importantes para um *designer*. A minha própria história é um reflexo do que é o *design*, que é uma arte fluida ou um conjunto fluido de habilidades criativas que são transportáveis e que podem falar para qualquer cultura. Por isso estou honrado e entusiasmado por estar a fazer algo visível em Portugal, porque é o meu país de adoção. Gosto das pessoas, gosto do espaço. Poder participar de alguma forma nas conversas e na materialidade de que é muito daqui, e espero acrescentar algo a essa conversa. É muito emocionante para mim. Não sou uma pessoa que acredita em estar separado ou numa bolha. Acho que o *design* se aplica no terreno, com as pessoas, em oficinas de artesanato, em parceria com engenheiros, em parceria com empresas, e poder fazer isso aqui tem sido bastante revelador para mim e faz-me sentir que pertenço.

Algum novo projeto de que nos possa falar?

Sim, estamos a pensar noutros projetos altruístas como este. Estamos a falar com algumas empresas de móveis. Estamos a falar com fabricantes de automóveis aqui em Portugal também.

City Cortex: arte em cortiça pela cidade

Se costuma ir passear para a zona de Belém, já terá reparado nas obras de arte em cortiça que ali surgiram nos últimos dias. São parte do projeto City Cortex, que une *design* e arquitetura em prol de cidades mais sustentáveis. Para tal, a Corticeira Amorim, a experimenta-design e a Artworks desafiaram arquitetos e artistas de renome internacional – como Eduardo Souto de Moura, Gabriel Calatrava, Elizabeth Diller, Dominic Leong, Stefan Sagmeister e Yves Béhar – a criarem projetos para espaços públicos e semipúblicos a partir de cortiça. Os oito projetos estão expostos nas zonas ribeirinhas, nas margens norte (Belém) e sul do Tejo (Trafaria), criando um museu ao ar livre.

Só para percebermos melhor este projeto, foram vocês que escolheram o local onde a vossa obra ia ficar?

O que fizemos foi, com a Guta Moura Guedes, demos uma volta por esta zona para ficarmos com uma ideia. Eu adoro o MAAT, adoro o museu da Eletricidade, o museu dos Coches. Foi ao caminhar por aqui que surgiu a ideia de criar uma torre. O projeto foi muito centrado no local e por isso Guta fez questão que todos visitassem e percebessem esta zona, as suas oportunidades e desafios. Para mim, o design tem muito a ver com o contexto. Não basta largar uma coisa com estilo num sítio qualquer.

Prova de Vida*

Paco Bandeira

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

Quem o viu e quem o vê, a Francisco "Paco" Bandeira, o cantor alentejano outrora tão famoso que acabou condenado a três anos e quatro meses de cadeia, com pena suspensa, por violência doméstica e que, por causa disso, ainda hoje sofre a mais infamante das sanções, a do ostracismo e da condenação social, ou moral.

Em entrevista a Fátima Lopes, da TVI ("A Tarde é Sua", de 27/10/2017), e antes de entoar, a pedido, "A Ternura dos 40", um dos seus maiores êxitos, Paco Bandeira falou de um abominável erro judiciário, da incompetência das juízas que o condenaram por violência psicológica contra a ex-companheira Maria Roseta Ferreira, materializada em insultos e agressões verbais com recurso a expressões como "rameira", "cabra" e "puta", que ele nega a pés juntos, dizendo não usar tais termos no seu linguajar corrente, e coerente.

De caminho, o autor de "Entre o Céu e o Inferno" foi também condenado por posse de arma proibida, um velho "canhangulo" que trouxe da guerra de África e que tinha pendurado na sala de estar de sua casa, por cima da lareira. A crer no seu testemunho, foi igualmente acusado – e condenado – por maus-tratos a um Ruben e a um Diogo, que ele assevera não saber quem são e que, jura, não constavam sequer do processo, resultando de um desastrado *copy/paste* do texto de outra sentença para a decisão que o condenou. Se isto fosse verdade, seria grave, sem dúvida. Simplesmente, no acórdão do Tribunal Judicial de Oeiras, de 13 de Julho de 2012, não existe qualquer referência a um Ruben nem a um Diogo, pelo que não se compreendem aquelas afirmações de Paco Bandeira, feitas em diversas ocasiões, como na citada entrevista a Fátima Lopes ou numa outra, de Julho de 2015, à TV Amadora.

Mais grave do que a pena do Tribunal de Oeiras – confirmada, note-se, pela Relação de Lisboa –, foi a sanção social: Paco, que até então, segundo o próprio, era um dos artistas mais populares e mais bem pagos do país, caiu em desgraça e ruína, viu serem-lhe cancelados todos os espectáculos, devolvidos milhares de discos, perdidos muitos contratos. À jornalista Sofia Pinto Coelho, para o programa "Vidas Suspensas", da SIC, de 2/12/2018, mostrou os sinais do seu infortúnio, patentes nos estúdios em Massamá, que pôs à venda, porque nem dinheiro tinha para pagar a luz, o mesmo sucedendo a outros estúdios que possuía em Montemor-o-Novo, também fechados, e onde Sakamoto chegou a gravar. Pior do que isso, três ou quatro dezenas de pessoas, entre músicos e funcionários, tiveram de ser despedidas, por óbvia falta de verbas.

É uma história extraordinária. Contra Paco militava o facto de a sua primeira mulher, Maria Fernanda (Maria Fernanda Mocinha Castelo Bandeira), com quem se casara aos 17 anos e da qual tinha duas filhas, se ter suicidado diante dele, em 10 de Março de 1996, na sua Quinta da Bela Vista, em Loures, Sintra, e numa cena macabra: quando ambos se preparavam para ir aos festejos da tomada de posse de Jorge Sampaio como Presidente da República, desencadeou-se uma violenta discussão conjugal, ao que parece porque uma das filhas do casal passara uns cheques falsificados para aplacar o vício da droga. No decurso da refrega, Fernanda foi buscar uma arma que ele tinha no carro – mais precisamente, um revólver Taurus, de 32mm, de origem brasileira – e deu um tiro na cabeça, morrendo pouco depois. Um dos irmãos da vítima, Fernando Luís Castelo, nunca acreditou na tese do suicídio e chegou até a contratar os serviços de um famoso causídico elvense, Hugo Marçal, outrora implicado no "processo Casa Pia", mas reagiu tardiamente, quando tudo estava prescrito, e acabou acusado de difamação por parte do ex-cunhado. Não seria o primeiro, nem o último, processo de Paco nos tribunais. Antes disso, envolvera-se num conflito com José Maria Pereira, operário da construção civil, com este a acusá-lo de falta de uns pagamentos e Bandeira a dizer que Pereira o chantageara; mais tarde, seria condenado a oito de meses de prisão por emissão de um cheque sem cobertura, mas o crime foi amnistiado em 1989; e, em 2007, foi acusado pela administração da RTP, na altura liderada por Almerindo Marques, por ter alegadamente desviado material dos estúdios da televisão pública para a sua empresa, a Profissom, processo que acabou arquivado (cf. Margarida Davim, *Violência Silenciosa. A história das mulheres na mira de Paco Bandeira*, 2012).

Oito meses depois da morte da mulher com quem esteve casado 35 anos, Paco conheceria Maria Roseta Ferreira, 17 anos mais nova, técnica dos Serviços Prisionais, com a qual teve uma relação fria e distante, garante ele, mas ainda assim capaz de gerar uma filha Constança (Maria Constança Ferreira Marialva Bandeiras), nascida em 14 de Fevereiro de 1999, a qual seria uma testemunha-chave no processo contra o pai (que, entretanto, perfilhara uma outra jovem, Ângela, nascida em 1970, de uma relação fugaz). Na altura, Constança tinha 12 anos, mas, mal atingiu os 18, disse que a mãe a manipulara e, inclusive, intentou um processo contra ela, acusando-a de maus-tratos psicológicos. Mais: Constança foi viver para Oeiras com Paco e com a nova mulher deste, a taróloga Gisela de Jesus, e o cantor foi sua testemunha no processo contra a mãe (cf. *VIP*, de 28/11/2018).

De permeio, houve outra mulher, Marisa de Almeida, professora do 1.º ciclo, 28 anos mais nova, que começou por defender o cantor das acusações de violência doméstica, mas que depois, terminada a relação entre ambos (ao que parece, por causa de uma cena de ciúmes no decurso de um jantar na Taverna dos Trovadores), foi ao ponto de insinuar que Paco teria matado a primeira mulher ("agora ponho em causa se realmente a primeira mulher se suicidou"), afirmando ainda que o autor de "O Alentejo Quer Um Homem Que Saiba Mandar" (Decca, 1975) era "um homem sem sentimentos", que se considerava "omnipotente" (cf. *VIP*, de 10/12/2012). Em contraste, Gisela não poupa elogios ao marido, com quem está casada desde 2014, sem que até agora se registem indícios de violências ou de maus-tratos de espécie alguma.

Pobre diabo ou diabo pobre: como sempre sucede com estas figuras mediáticas, o processo de Paco Bandeira dividiu os ânimos e as opiniões. No Facebook, surgiram grupos pró-inocência ("Paco Bandeira, em Legítima Defesa") e outros de teor oposto ("Não Acredito na Inocência de Paco Bandeira" ou "Paco Bandeira Facts"), e uma jornalista do Sol, Margarida Davim, chegou até a publicar um livro intitulado *Violência Solitária*, atrás citado, cheio de pormenores sórdidos, como uma discussão conjugal gerada por causa de um naco de picanha deixado a descongelar ao ar livre, os loucos ciúmes de Paco em relação ao sacerdote que baptizara a sua filha, a afirmação do cantor de que a sua companheira tinha "tudo do bom e do melhor" e que o casal fazia "compras nos melhores centros comerciais do mundo", as várias armas e munições que Bandeira tinha no seu monte, as sucessivas queixas e súplicas que Maria Roseta fez a António de Almeida Santos, amigo do cantor e padrinho de Constança, com o histórico dirigente socialista a aconselhar-lhe que tivesse calma e que compreendesse o génio singular do seu companheiro, outras queixas feitas a Armando Vara e à então mulher deste, Helena Mendes, que tinham um monte por perto, com Vara a dizer-lhe igualmente para ter calma perante os violentos gestos do trovador trastagano. Em tribunal ficou provado que, uma semana volvida sobre o baptizado de Constança, Paco encostou um revólver à cabeça de Maria Roseta, e, a seguir, telefonou à irmã desta para que a fosse buscar ao monte, já que ele a ia "rebentar". Como também ficou provado que, cego de ciúmes pelo padre celebrante, chamou "prostituta" a Roseta no próprio dia do baptizado de Constança. Noutra ocasião, pegou num solitário para desferir com ele uma pancada na cabeça de Maria Roseta, só parando ante os insistentes pedidos da pequena Constança, lavada em lágrimas. Acto contínuo, Bandeira pegou numa cadeira e desfê-la em pedaços, enquanto gritava que ia atirar Maria Roseta pela janela.

Ideologicamente, diz ser um homem de esquerda, de muita esquerda, mas mostra-se anti-PCP, dizendo, aliás, que "o comunismo foi uma criação da família Rothschild para derrubar o czar Nicolau", em vingança por este não ter permitido que o tenebroso clã judaico dominasse o Banco da Rússia.

Noutra ocasião, e sempre em frente da filha, atirou um copo ao chão, que se partiu junto a Maria Roseta, ferindo-a. Às tantas, quando já viviam na casa de Oeiras, Maria Roseta guardou as facas da cozinha e a mãe e a filha, apavoradas, passaram a dormir juntas no mesmo quarto, fechadas à chave e com os móveis encostados à porta. Quando Constança tinha oito, nove anos, Paco ter-lhe-á dito, como ficou provado no acórdão que o condenou, que não tinha desejado que ela nascesse, mas que ficou feliz quando a viu no mundo. Maria Roseta passou a receber tratamento psiquiátrico e Constança foi alvo de acompanhamento psicológico na escola, pois tinha comportamentos rebeldes que prejudicavam o seu rendimento nos estudos. Em suma, concluiu a justiça, "o arguido actuava condicionando o comportamento e a vida da assistente, Maria Roseta, amedrontando-a, insultando-a e humilhando-a, fazendo-o de forma deliberada, livre e consciente" e "Maria Roseta, bem como a sua filha Maria Constança – que a tudo assistiu na residência do casal –, viveram num ambiente de sofrimento e dor, temendo a primeira, desde finais de 2008 e até à saída de casa, pela sua vida." Mas também ficou provado, e é importante ser dito, que "o arguido gosta de Maria Constança" e que "a menor Constança gosta do pai".

Independentemente de sabermos se Paco Bandeira era culpado ou inocente, o facto é que foi condenado em primeira e segunda instâncias. Mas também é facto que foi, sobretudo e acima de tudo, condenado sumária e eternamente pela opinião pública. Pior ainda: se Portugal inteiro ficou a saber da sua condenação por violência psicológica sobre a ex-companheira, já poucos conheceram os desenvolvimentos ulteriores da história, com destaque para a radical mudança de Constança, que se queixou de ter sido manipulada em criança. Casos como este são comuns e frequentes e, na verdade, por todo o mundo ocorrem *trials by newspaper*; simplesmente, num país paroquial e pequeno como o nosso, tornam-se particularmente letais e lesivos, pois as suas vítimas jamais se levantam, restando-lhes tão-só emigrarem para o estrangeiro ou exilarem-se internamente, como Paco fez, refugiando-se no seu Monte do Cortiço, em Montemor-o-Novo, onde hoje vive feliz na companhia de Gisela e, de quando em vez, das filhas, dos netos e dos bisnetos.

Levanta-se cedo, cuida dos cavalos e da horta, por regra almoça fora, e depois faz a sesta. Nos intervalos, compõe músicas e escreve muito, quase sempre para a gaveta, não sendo clara a sua situação financeira: numas entrevistas,

VÍTOR HIGGS/DN

como a que concedeu a Sofia Pinto Coelho, diz que vai sobrevivendo frugalmente graças à sua reforma, daquilo que a mulher ganha, crê-se com consultas de tarologia, e da venda de produtos da sua quinta; noutras declarações, porém, afirma que reequilibrou as finanças e que até tem uma "vida desafogada", acrescentando ainda que "se tivesse de me desfazer de tudo o que tenho ia buscar milhões" (cf. *Flash!*, de 21/11/2018).

***

Paco Bandeira, nome artístico de Francisco Veredas Bandeiras, nasceu em Elvas, freguesia de Alcáçova, às oito da manhã do dia 2 de Maio de 1945, gostando de dizer, vá-se lá saber porquê, que viu a luz 48 horas depois de Hitler se ter suicidado em Berlim. Filho de Francisco José Bandeiras e de Maria Rosa Veredas, trabalhadores rurais que comerciavam fruta e gado ("nasci de pais analfabetos, pobres, tementes a Deus, à PIDE e aos costumes"), a mãe sonhava que ele, o mais novo dos seus rapazes, tivesse uma "profissão debaixo de telha", em que não sofresse as agruras do labor no campo, ao contrário dos outros filhos. Almejava Maria Rosa que o seu menino se tornasse alfaiate ou sacerdote, razão pela qual o pequeno Francisco, depois de ter feito a primária em Elvas, seguiu como aluno externo do Seminário de Vila Viçosa, onde "foi muito bem tratado" ("foi bom, porque comia bem e tomava banho de água quente"). Já antes, por volta dos oito, nove anos, o cego Ti Januário Pinto, dono de uma barbearia em Elvas, dera-lhe umas luzes de guitarra de fado, mas foi no seminário, com o padre António Emílio, que Paco aprendeu a valer, até sobre história da música, dos trovadores a Stravinsky. Cedo percebeu, porém, que não tinha vocação para sacerdote ou, como diria mais tarde, com ponta de imodéstia, "nunca podia ser um bom padre pois sou demasiado cristão". Trocou o seminário pela Escola Comercial, em Elvas, e aí concluiu o curso, mas já então, confessa, "andava com a mania da música".

Aos 16 anos, ganhou um festival em Almendralejo, Espanha, e, pouco depois, tornou-se locutor da Radio Extremadura Badajoz, muito ouvida do lado de cá da fronteira. Talvez por isso, acabou apadrinhado por dois terratenentes elvenses, António José Bagulho e Francisco Caldeira, em cujas festas cantava êxitos hispano-americanos ("Guantamera", "Cucurrucucu Paloma", "Angelitos Negros", "Granada"), fandangos de Porrina de Badajoz, de Juanito Valderrama e de Manolo Escobar, e fados de Marceneiro e Carlos Ramos. Foram os seus "mecenas", diz ele. Além de o ajudarem a comprar os instrumentos de que precisava para o seu ofício canoro, pagavam-lhe generosamente por cada actuação: em 1961, 500 escudos, "o dobro do ordenado mínimo nacional" na altura (um detalhe histórico: na altura ainda não existia salário mínimo nacional, só instituído após o 25 de Abril, pelo decreto-lei n.º 217/74, de 27 de Maio). Contudo, e apesar de reconhecer que foram "boa gente" para ele, Paco não deixa de recordar a "tirania de classe" daqueles lavradores alentejanos, e a opressão a que sujeitavam ganhões, malteses e demais trabalhadores campestres.

Já então era do contra. Um dia após o julgamento, em Espanha, do processo do assassinato de Humberto Delgado, disse aos microfones da Rádio Extremadura os nomes dos implicados – Rosa Casaco, Ernesto Lopes Ramos, Casimiro Monteiro, Agostinho Tienza, este último seu conterrâneo –, o que lhe valeu que, no regresso a Portugal, fosse parado no Caia pelo inspector Mouro e pelo chefe Lionel, entre outros. Levado à delegação elvense da polícia de Salazar, foi acusado de engajador, preso durante uma semana e alvo de valente sova, que o deixou sem um dente, por um lado, e com um olho negro, por outro. Valeu-lhe o dr. Cabeças, delegado de saúde e amigo da família, cuja intervenção o salvou de ser transferido para Lisboa, onde, diz ele, o aguardavam sevícias maiores, ou piores, como aquelas de que foi alvo o seu irmão António, obrigado a seguir o ofício de cauteleiro, por a PIDE lhe ter partido as pernas e deixado coxo para toda a vida.

Foi em Espanha que ganhou o seu nome artístico, Paco Bandeira, quando começou a tocar numa grande orquestra de Badajoz, a Montecarlo, após o que fundou, com quatro amigos do país vizinho (Jesús Herrero, Emilio Alba, Dani e Puti), um bem-sucedido conjunto *rock*, os Play Boys, do qual hoje não se orgulha (porém, o seu primeiro grupo foi outro, os 5 do Alentejo, formado com Martinho Garrido, que "como músico era fraquito", Lela Calhau, baterista, e Manuela Subtil, vocalista principal, "não porque cantasse lá muito bem, mas era uma rapariga com outros dotes, o que para a época era grande parte do nosso sucesso").

Às tantas, os Play Boys começaram a tocar em festas ao lado dos Cuban Boys ou, melhor dito, dos Havana Cuban Boys, orquestra de foragidos do castrismo liderada por Armando Oréfiche, cognominado o "Gershwin de Cuba". Famoso compositor e pianista, Oréfiche era um homossexual assumido que praticamente adoptou o jovem elvense de 18 anos, levando-o a tocar em cruzeiros pelo mundo fora, Japão e Austrália incluídos. Paco assevera, muito macho, que "não tinha nenhuma vocação para aquilo que ele queria", e atribui a sua meteórica ascensão na banda não a quaisquer favores intimíssimos que tenha prestado ao padrinho, mas a um episódio curioso: a dada altura, a mulher do astro, o grande Antonio Machín, decidiu fugir com outro e, como Machín foi no encalço dela, Oréfich deu o lugar vago ao protegido, que subitamente foi elevado à categoria de substituto da lendária voz de "El Manisero", o estrondoso *son-pregón* cubano de 1930, na América traduzido por "The Peanut Vendor" (= "O Vendedor de Amendoins").

Depois veio o serviço militar e, conta ele, "acabou-se a vida fácil, a vida faustosa do rapaz deslumbrado" ("À Conversa com… Paco Bandeira", Kuriakos TV). Fez a recruta em Beja e tirou a especialidade no Porto, onde, por ser músico, um coronel amigo lhe permitiu trajar à civil na rua e não ter de pernoitar no quartel. Passaria três anos na "maldita tropa" e foi

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

colocado em Angola durante 28 meses, como radiotelegrafista, onde continuou a cantar e a dar espectáculos para os soldados com guitarras fornecidas pelo Movimento Nacional Feminino, de Cilinha Supico Pinto. Aí conheceu e foi camarada de um "pobre diabo", Emanuel Gomes, mais tarde imortalizado com o nome artístico "Dr. Lesagi Zandinga", o célebre tarólogo/bruxo/vidente. Regressaria a Lisboa em 1969, coberto de cicatrizes na alma e no corpo. Enumera-as uma a uma: gastrite crónica atrófica com metaplasia, colite crónica, doença psiquiátrica do tipo epilepsia pós-traumática, enxaquecas crónicas, problemas de coluna provocados pelo peso do rádio, que obrigariam a ter operações à dita. Mal chegou à metrópole foi intervencionado no apêndice e na garganta.

A seguir, e com a família a cargo, andou aos tombos entre o Nina e a Tágide, cantou uns tempos no Solar da Hermínia (Silva), ao Bairro Alto, mas acabou por rumar à Alemanha, onde trabalhou na ZDF, além de actuar em *bodegas* de *flamenco* de Frankfurt, o que, tudo por junto, lhe permitiu ganhar bom dinheiro e, ao fim de quatro meses, comprar até um carrito (um Austin Morris, depois substituído por um BMW). Nunca perdeu a paixão da música e, não por acaso, foi com uma canção intitulada "Sigo Cantando" que teve o seu primeiro triunfo, vencendo a edição de estreia do Festival de Canção da Guarda, em Julho de 1971.

No ano seguinte, e já com outro estatuto, regressou ao Solar da Hermínia, sua madrinha, e, no Festival da Canção, conquistou um belíssimo segundo lugar com "Vamos Cantar de Pé", música de Pedro Osório e letra de Fernando Grave (obteve 77 pontos, a considerável distância dos 277 pontos do vencedor, Carlos Mendes, com "A Festa da Vida", de Calvário/Niza). Em 1973, voltou a ficar em segundo, mas desta vez mais próximo do número um: "É Por Isso Que Eu Vivo", com música de Paco e letra de Ary, teve 111 pontos, muito perto da "Tourada" de Tordo e também de Ary.

Falando dos tempos do antigo regime, diz que a censura e a perseguição política aos artistas têm muito de mito e de fábula. Segundo ele, o alvo era só um, mais nenhum, Zeca Afonso, e, conta Paco, o próprio Adriano Correia de Oliveira andava furioso por nunca ter sido preso, ao contrário dele, Bandeira, que, além do episódio em Elvas, seria detido em público pela PIDE, no Luso, por ter dito uma anedota sobre Américo Thomaz e entoado a cantiga subversiva, da sua autoria, "Lá Longe Onde o Sol Castiga Mais".

São desse tempo os seus desencontros com os "cantautores", que verberavam o facto de o alentejano ter resvalado no nacional-cançonetismo. Na sua autobiografia (*Juramento de Bandeira: Biografia não autorizada de Paco Bandeira, 2020*), Paco orgulha-se de ter conhecido gente importante, como Antunes da Silva, Manuel da Fonseca, Eduardo Olímpio, Fernando Assis Pacheco, Mário Cesariny, Joaquim Pessoa, Ary dos Santos, mas não esconde que, nos concertos com Lopes Graça, Adriano, José Barata-Moura ou Zeca Afonso, estes olhavam-no "de lado, ou com desdém" e que, um dia, num concerto numa associação de pescadores em Setúbal, Zeca invectivou o seu estilo e a sua postura, dizendo-lhe que deveria antes pôr os seus dotes ao serviço do povo-trabalhador (sobre as ferozes críticas ao trabalho e ao estilo de Bandeira, cf. o delicioso e recente livro *A Revolução Antes da Revolução. O ano que mudou a música popular portuguesa*, de Luís de Freitas Branco). Após o 25 de Abril, e enquanto produzia músicas como "Batalha-Povo" ou "Em Guarda Pela Revolução", tentou actuar no Encontro de Canto Livre, mas foi escorraçado pela plateia, segundo ele a instâncias de José Jorge Letria, seu arqui-inimigo, com quem iria confrontar-se violentamente, nos anos 1990, na guerra pela Sociedade Portuguesa de Autores, travada entre a sua linha, e a do advogado Luso Soares, e a de Luiz Francisco Rebello/Letria/Fausto/Saramago, contenda que passou, inclusive, por queixas-crime e ardentes lutas judiciais.

Ideologicamente, diz ser um homem de esquerda, de muita esquerda, mas mostra-se anti-PCP, dizendo, aliás, que "o comunismo foi uma criação da família Rothschild para derrubar o czar Nicolau", em vingança por este não ter permitido que o tenebroso clã judaico dominasse o Banco da Rússia. Foi à União Soviética na companhia de Pedro Osório, regressou ainda de lá mais convicto do seu anticomunismo. Critica o "comunismo folclórico" do PCP e de este continuar a "usar a fórmula capitalista", patente no seu vasto património imobiliário, ademais isento de IMI. Entende que os jornalistas do antigamente eram muito melhores do que os de hoje, e que estes não passam de "marionetas da alta finança", do mesmo passo que, em nome do povo e "dos que trabalham", fustiga os "papagaios que foram à universidade aprender a roubar melhor". Numa entrevista à TV Amadora, concedida no auge da crise das dívidas soberanas, explicou que à Alemanha não interessava que Portugal produzisse e se desenvolvesse, fustigou "os políticos que temos" e clamou que Portugal caminhava para o abismo.

Num registo violentíssimo, disse que Angela Merkel "era pior do que o Hitler" e acusou Pedro Passos Coelho de "crime de traição à pátria", estranhou que ainda não se tivesse "suicidado de vergonha", afirmou que o primeiro-ministro não pagava impostos. Disse, inclusive, que se "houve violência doméstica em Portugal, foi com ele, a Fá [Fátima Padinha], que é minha amiga, levou tareia a torto e a direito" e que, quando foi presidente da JSD, Passos "usou as raparigas do partido como se fizessem parte do bordel do comité central" (*sic*).

Em 2010, destruiu 50 mil discos da sua autoria, numa original acção de protesto contra várias coisas: o *download* ilegal de canções, o limitado espaço concedido à música portuguesa nas nossas rádios e o facto de as Finanças lhe quererem cobrar direitos pela oferta de milhares de discos à Guiné-Bissau, combinada com o Presidente Nino Vieira em casa de Almeida Santos, amigo, compadre e prefaciador do seu livro *O Canto do Espelho*, de 2007, o ano em que Paco deu um concerto no Coliseu de Elvas, que afirmou marcar ponto final na sua carreira, pelo menos no que a discos dizia respeito. Em 2011, porém, acabou por lançar um novo CD, "Tudo no Mundo É Caminho".

Ao longo de uma carreira em que deu milhares de concertos pelo mundo fora, participou em programas de televisão no Brasil, na Turquia, na Bulgária e em Israel, e, graças a Thilo Krassman, escreveu a banda sonora de várias novelas e séries, como "Roseira Brava", "Primeiro Amor", "Vidas de Sal", "Filhos do Vento", "Os Lobos", "A Grande Aposta", entre outras. Fez a primeira parte de concertos de Johnny Cash e de Hermínia Silva e Joan Baez chegou a oferecer-lhe uma guitarra. Em 1987, envolveu-se numa acesa polémica com a RTP e, por essa altura, demitiu-se da direcção da Sociedade Portuguesa de Autores em protesto por ter sido chumbada uma moção para que, imagine-se, o seu principal êxito – "A Minha Cidade", mais conhecida por "Oh Elvas Oh Elvas", a partir de uma frase de António Sardinha – fosse adoptado como hino nacional. Passou pelo MDP/CDE e, não muito depois, começou a navegar nas águas do PS, onde fez muitos amigos: além de Almeida Santos, Soares era visita da sua casa em Sintra e, em 1999, quando comemorou os 30 anos de carreira, contou com testemunhos de Almeida Santos, claro, mas também de José Lello e de Fernando Gomes, de Humberto Coelho, de Lídia Jorge, de Raul Solnado e de Eusébio. Por volta de 2007, quando deu por finda a carreira, alimentou o projecto de abrir um canal com o nome Televisão do Sul, em parceria com Rui Nabeiro, Moita Flores, Nicolau Breyner e António Saleiro, o polémico autarca socialista de Almodôvar, que, além de suspeitas de corrupção, chegou a ser investigado no caso da morte de António Colaço, vereador daquela localidade.

Paco Bandeira, que jogou ténis e futebol pelo Belenenses, garante que viu um OVNI à saída de Castelo Novo, quando seguia ao volante de um Porsche na companhia de uma ex-bailarina russa.

Desde que foi condenado, Paco passou a disparar contra dois alvos, os profissionais da imprensa, que considera que se vingaram dele por ter denunciado o mau jornalismo em Portugal (*Público*, de 10/1/2012), e sobretudo os juízes, que diz serem "piores do que a PIDE", falando de "uma cáfila de javardolas que vestem toga e que utilizam a toga para a sua maldade" (dos magistrados nacionais, ressalva, porém, um nome, o do seu "grande amigo" Rui Rangel, que considera ser "um tipo honesto" e pelo qual afirmou ter "muito respeito como juiz").

Paco Bandeira, que jogou ténis e futebol pelo Belenenses, garante que viu um OVNI à saída de Castelo Novo, quando seguia ao volante de um Porsche na companhia de uma ex-bailarina russa. "Paco Bandeira é um homem de convicções firmes ou ser conflituoso?", perguntava o *Público* em 2012, dúvida que ainda persiste, mas que hoje pouco importa. Na sua autobiografia, ataca coisas tão intrigantes como "a pepineira do show of dos apresentadores de televisão", "a vilanagem financeira da dívida calada" ou "o franchaisinguismo hétero fóbico". Recorda que, quando era criança, uma cigana disse à sua mãe que o filho tinha herdado o espírito do bisavô, que Paco define "um safado, contrabandista, mulherengo, pelos vistos um daqueles espécimes belos e aventureiros que tanto agradam às mulheres ricas e finas, como era o caso".

Não nos compete dizer se, ao longo da sua atribulada existência, Paco cumpriu, ou não, aquela profecia da velha cigana. Também não sabemos – e já o dissemos – se era culpado ou inocente pelos crimes de que saiu em primeira e em segunda instância. Do muito que fala e diz, por vezes ao desbarato, só o próprio conseguirá determinar o que será mesmo verdade e o que radica já no reino da fantasia. Daquilo que nós sabemos, porque estudámos e lemos, apenas um episódio: em várias ocasiões, seja na autobiografia, seja em entrevistas, Paco Bandeira referiu que, na qualidade de locutor da Radio Extremadura, fez a cobertura jornalística do processo do homicídio de Humberto Delgado e da sua secretária, que correu termos no Tribunal de Badajoz. E mais afirma que o juiz da causa, Don Francisco de Naranjo, produziu uma sentença histórica: "os assassinos foram condenados à morte, desde que ao alcance das armas". Isto é, assevera Paco, sem pestanejar, um juiz do franquismo condenou à morte os sicários da PIDE, desde que a partir de Espanha conseguissem atingi-los à bala, estando estes do lado de cá da fronteira (!). Sucede, porém, que do processo do homicídio de Delgado, hoje publicado em livro, não consta nenhum juiz Francisco Naranjo – o magistrado responsável foi José María Crespo Márquez – como não consta, é óbvio, aquela bizarra sentença (cf. Juan Carlos Jiménez Redondo, *El caso Humberto Delgado. Sumario del proceso penal español*, Mérida, 2001; Id., *El outro caso Humberto Delgado. Archivos policiales y de información*, Mérida, 2003; cf. ainda Frederico Delgado Rosa, *Humberto Delgado. Biografia do general sem medo*, Lisboa, 2008, pp. 1164ss; o juiz Crespo Márquez foi, inclusive, entrevistado pela RTP, em 6/10/1992). Para dizer o mínimo, não sabemos onde Paco Bandeira foi buscar aquela mirabolante e descabelada história, contada até com abundante cópia de pormenores. Uma história que, sublinhe-se, não é coisa de somenos, pois o cantor garante que foi ela que esteve na base da sua detenção na fronteira do Caia e na sua prisão e tortura, em Elvas, pela PIDE, em cujos arquivos da Torre do Tombo, seja nos arquivos dos Serviços Centrais, CI (2), seja nos diversos postos daquela polícia política, seja ainda no arquivo da Legião Portuguesa, não consta qualquer referência a Francisco Veredas Bandeiras. Ficamos, portanto, na dúvida, mais do que pertinente e legítima, sobre quem será afinal este homem, a um tempo solar e sorridente, mas a outro tão lunar e obscuro.

**Prova de vida (50) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

Entre as imagens
João Lopes

Todos os rapazes e raparigas

Françoise Hardy morreu no dia 11 de junho – contava 80 anos. Em 2012 lançou o romance *L'Amour Fou* (ed. Albin Michel, Paris), começando assim: "Era como se a estrada, até lá muito linear, se transformasse em impasse. Ela não conseguia avançar e não se tratava, infelizmente, de voltar para trás. Como se o seu passado, o seu presente e as suas antecipações se desfizessem subitamente contra uma parede tão imprevista quanto incontornável."

Oito anos antes ficara a saber que sofria de uma forma muito grave de linfoma. Mesmo evitando ceder a qualquer determinismo "psicológico", podemos reconhecer que a doença marcou o labor criativo dos anos finais de Françoise Hardy, ecoando em particular no confessionalismo pudico do último álbum, *Personne d'autre* (2018). O seu alinhamento terminava com a canção *Un mal qui fait du bien* (à letra, "um mal que faz bem"): "Nada de anódino / Um mal que faz bem / Paro aí, retenho-me / Nem uma derradeira palavra, nem uma palavra de fim."

Há cerca de seis meses, num misto de contundência e contenção, escreveu uma carta aberta ao presidente Emmanuel Macron (publicada no jornal *La Tribune*, 17 dez. 2023) apelando à criação de condições para a legalização da eutanásia e do chamado suicídio assistido: "Contamos com a sua empatia e esperamos que possa permitir aos franceses muito doentes e sem esperança pôr fim ao seu sofrimento quando sabem que já não há qualquer alívio possível."

Evitemos os clichés. Ao contrário de uma perversão ideológica hoje em dia dominante, da televisão à publicidade (incluindo, claro, a publicidade televisiva), não avançamos no conhecimento do mundo reduzindo tudo e todos a eventos "militantes". Simplificando, celebremos apenas (e não é pouco) a precisão cristalina das palavras de Françoise Hardy, superando as fronteiras convencionais entre a intervenção social e a digressão poética.

A indiferença que acompanhou a notícia da morte de Françoise Hardy (com exceções, claro) terá passado por alguma resistência cega a essa ambivalência primordial das palavras – ditas ou escritas –, menosprezada pela velocidade postiça do espaço mediático em que todos os dias a nossa sensibilidade se atordoa. Sou mesmo levado a supor que, pelo menos neste caso, nada disso terá sido alheio ao facto de estarmos perante uma figura que não provém do espaço anglo-saxónico (não esquecendo que também cantou em língua inglesa). Pertencendo eu a uma geração que estudou o francês como língua estrangeira prioritária, o facto é tanto mais significativo quanto o que está em jogo não é a concorrência "sociológica" entre duas línguas mas a desvalorização implícita da humanidade da expressão.

Memórias, música e poesia de 1962.

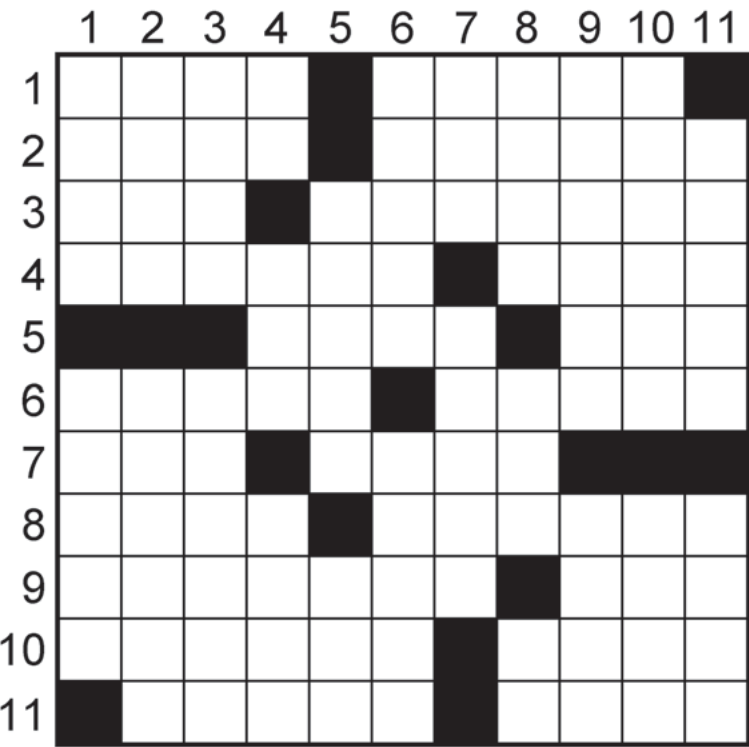
Regresso ao primeiro álbum de Françoise Hardy, *Tous les garçons et les filles*, e à transparência romântica da canção-título. Foi em 1962. Para muito boa gente (a começar por pessoas da minha geração) este seria um despreocupado retrato dos "rapazes e raparigas" da época, encarado de modo tanto mais pitoresco quanto a expressão "rapazes e raparigas" desapareceu da linguagem corrente – agora só há "juventude" e, na maior parte dos casos, da política à publicidade, "ser jovem" é uma condição tratada como uma espécie de *jogging* burocrático para se entrar na idade adulta.

O legado de Françoise Hardy é feito de muitas palavras: vêm de um passado que fala para o nosso presente.

Em boa verdade, estamos perante uma canção enraizada numa desencantada solidão. Esquematizando, a cantora observa os apaixonados que se passeiam "mão na mão", vivendo "sem medo do amanhã", enquanto ela segue "sozinha pelas ruas". Porquê? Porque, diz ela, "ninguém me ama". Eis uma forma singela de cruzar profundidade e ligeireza. Acontece que tal singeleza se tornou ilegível para qualquer mente alimentada pela noção corrente segundo a qual a "juventude" se define por uma de duas vias: ou o coletivismo militante de um "rebanho" político sem fissuras, ou o "individualismo" boçal promovido pelos formatos da *reality TV.*

Como se aqueles que escutaram Françoise Hardy na sua adolescência mais não fossem que marionetas de uma época pitoresca em que "amor", "sexo" ou "política" nunca existiram como temas, perguntas ou fantasmas da sua existência… Que fazer perante este apagamento do passado? Arrisco pensar em francês para lidar com a tristeza de tudo isto. *Pourquoi pas?*

Jornalista.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Qualquer compartimento. Infundíbulo. **2.** Trindade. Somente. **3.** Vazia. Barcaça, muito sólida, usada no Tejo, para carga e descarga de navios. **4.** Pacóvio (regional). Levantar. **5.** Cilindro. Nome feminino. **6.** Pôr data em. Dar urros. **7.** O âmago. Elevado. **8.** Irra! (interjeição). Escarpa no litoral originada pela erosão marinha. **9.** Carneiro que não tem mais de um ano. Uma dezena. **10.** Fábrica de louça de barro. Pequeno pano ou tecido para tirar os tachos e panelas do lume. **11.** Assorear. Ratar.
Verticais:
1. Lugar de paragem (palavra inglesa). Mafarrico. **2.** Grande caixa com tampa plana. Reservatório pequeno de vidro. **3.** Ligar, atar. Secar muito pelo calor. **4.** «A» + «o». Reza. Nome da letra R. **5.** Conjunto das plantas de uma região. Interjeição que se emprega para excitar ou animar. **6.** Coisa que alumia. Tanque onde se espremem ou pisam certos frutos. **7.** Salto brusco. Que não é o mesmo. **8.** Recusa. Grande porção (popular). Presidente da República (abreviatura). **9.** Cheirar. Elemento de formação de palavras com o significado de ideia. **10.** Parreira. Cor intermédia entre a do café com leite e a do creme. **11.** Curar. Desdita.

SUDOKU

							7	
8			6	2			5	
	4	5			8	6		
9			2		5		6	
	6							
	5			1	6	4		7
		3		6	1	5		
	7	2		4				3
5							4	6

SOLUÇÕES

3	2	6	1	5	4	9	7	8
8	9	1	6	2	7	3	5	4
7	4	5	3	9	8	6	1	2
9	3	4	2	7	5	8	6	1
1	6	7	4	8	3	2	9	5
2	5	8	9	1	6	4	3	7
4	8	3	7	6	1	5	2	9
6	7	2	5	4	9	1	8	3
5	1	9	8	3	2	7	4	6

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Sala. Funil. 2. Trio. Apenas. 3. Oca. Fragata. 4. Parolo. Alar. 5. Rolo. Ada. 6. Datar. Urrar. 7. Imo. Alto. 8. Apre. Arriba. 9. Borrego. Dez. 10. Olaria. Pega. 11. Arear. Roer.
Verticais:
1. STOP. Diabo. 2. Arca. Ampola. 3. Liar. Torrar. 4. Ao. Ora. Erre. 5. Flora. Eia. 6. Farol. Lagar. 7. Upa. Outro. 8. Nega. Ror. PR. 9. Inalar. Ideo. 10. Latada. Bege. 11. Sarar. Azar.

Chef Luís Gaspar
Vieiras com puré de cherovia e molho de champanhe

Ingredientes:

Para 4 pessoas
16 unidades de vieiras
200 g de manteiga com sal
500 g de cherovia
10 g de gengibre
500 ml de leite
250 ml de champanhe
200 ml de vinagre de vinho tinto
Flor de sal q. b
Pimenta preta q. b

Confeção:

Cortar a cherovia em pedaços e cozer em leite, temperado com sal e pimenta. Assim que estiver cozinhada, triturar até obter um puré bem cremoso e homogéneo.
Corar as vieiras em manteiga até ficarem bem douradas. Temperar com flor de sal e pimenta preta.
Levar 100 g de manteiga, com vinagre e o gengibre, ao lume.
Adicionar o champanhe e deixar ferver. Passar por um coador e emulsionar com a ajuda de uma varinha mágica.
Adicionar 50 g de manteiga e triturar bem.
Colocar o puré de pastinaca no fundo de um prato e empratar as vieiras sobre o puré.
Finalizar com o molho de champanhe.

Dica do *chef*

Corar as vieiras em manteiga até ficarem bem douradas de um lado e do outro . A temperatura da manteiga deverá ser alta, para ajudar a caramelizar as vieiras!

EDIÇÃO **FILIPE GIL**

A acompanhar

Para harmonizar com a sua receita, o *chef* aconselha o vinho Teixinha - Field Blend 2021, da Malhadinha Nova.

O *chef*

Aos 15 anos Luís Gaspar decidiu entrar na Escola Profissional de Leiria, cidade onde nasceu, em 1991. Findo o curso, começou o seu percurso com o prestigiado *chef* francês Aimé Barroyer no Hotel Pestana Palace, onde ficou dois anos. Passou depois para o Hotel Grande Real Villa Itália. Pelo caminho cruzou-se com o *chef* Henrique Sá Pessoa, acabando por se juntar a ele no Cais da Pedra e, posteriormente, na abertura do seu espaço homónimo no Mercado da Ribeira. Tinha 24 anos quando foi convidado a abraçar a liderança da cozinha da Sala de Corte. Em 2017 venceu o Chefe Cozinheiro do Ano. Atualmente faz consultoria em vários restaurantes da Plateform. Em 2023 recebeu a distinção Chef de L'Avenir, pela Academia Internacional de Gastronomia.

Diario de Noticias

IMPRENSA

HONRANDO O MERITO

O DIA DAS MISERICORDIAS

"QUEM DÁ AOS POBRES EMPRESTA A DEUS"

FINANÇAS PUBLICAS

Automoveis "FIAT"

NO INSTITUTO FEMININO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 16 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O DIA DAS MISERICORDIAS

"QUEM DÁ AOS POBRES EMPRESTA A DEUS"

É absolutamente necessario que todos os portugueses, na medida das suas posses, auxiliem a obra de assistencia das Misericordias de Portugal

Gratamente, temos ouvido referencias muito lisongeiras á iniciativa do «Diario de Noticias». Interessa o espirito publico, e bom é que esta Cruzada do Bem se propague em conversas, em comentarios que estimulam o exercicio da Caridade.

De vagar se vai ao longe. Os primeiros donativos e amabilissimas palavras de incentivo que temos ouvido aqui e ali, tudo nos obriga a confiar no futuro, esperando ainda ver as misericordias não só alvo de carinhosos sentimentos, mas na posse dos meios indispensaveis para o desempenho da sua missão.

Como o têm feito durante seculos; como o têm cumprido á risca aquele solene «Compromisso» da sua fundação, todos o sabem e todos o sentem. Veio a grande guerra, com todo o seu cortejo de horrores, abalando a sociedade e dizimando os povos, mercê do progresso da sciencia, que em vez de se utilizar para o bem, se torna no mais horrendo agente do mal. E o mal, cioso da acção bondosa da Caridade, não poupou os benemeritos estabelecimentos, tão nossos, tão portugueses, que uma princesa portuguesa pelo berço, pelo sangue e pelo coração, nos deixou como marco miliario das virtudes da raça.

Não esqueçamos isso: as misericordias nobilitam-nos aos olhos de nacionais e estrangeiros. Para se avaliar as nobres qualidades dêste povo, minusculo de territorio mas gigantesco de alma, bastanos a preciosa obra legada pela rainha D. Leonor. E' a mais bela sintese do oiro de lei que existe nos corações da colectividade lusitana!

A guerra atingiu-a. Sangra a ferida, mas não a deixemos morrer!

Ao povo português compete a sua defesa, que tem de ser energica e decisiva.

Além duma manifestação de filantropia, é «uma questão de honra» que afecta o bom nome do país! E Portugal necessita de motivos que o enalteçam, que o mantenham no nivel de honra e de gloria em que o colocaram os nossos maiores. Desde o inicio da nacionalidade que temos atravessado crises dificeis, que temos tido dias de angustia. Sempre os vencemos, com proveito e honradamente prosseguimos no trilho civilizador, pois fomos os mais assiduos e esforçados pioneiros da civilização.

Surgiram as misericordias no periodo aureo da nossa historia, quando assombravamos o mundo com o esplendor das descobertas e conquistas. Representam todo o nosso sentimento caritativo e devem a existencia a uma alma feminina de eleição, herdeira das virtudes de Santa Isabel.

Juntam o amor do proximo ao amor da tradição. Enlaçam assim as duas flôres mais belas da alma humana. A que nos comove pela desdita alheia e a que nos orgulha pela dignidade da raça. No «Compromisso» inicial, aprovado e assinado por D. Manuel «O Venturoso», lê-se o seguinte:

> Pois o fundamento d'esta Santa Confraria & Irmandade he comprir as obras de misericordia he necessario saber as ditas obras, as quaes são quatorze: sete spirituaes & sete corporaes.

E enumera-as depois. A quarta define-a nas seguintes palavras: «consolar os tristes desconsolados»!

Ao tempo, ás misericordias não faltavam meios. Encetaram a pratica do Bem com aquele desafôgo que a fortuna proporciona.

Foram uma instituição á altura da sua proveniencia e dos seus fins.

Ligavam pelos elos da caridade todas as classes; numa epoca de preconceitos que hoje não se admitem nem é possivel restaurar. Isto, para o estudioso, para o pensador, para quem considere menos superficialmente as coisas da vida, ainda aumenta, ainda fortalece mais em nossos animos aquela sincera simpatia que tributamos ás misericordias. Elas e a Casa dos Vinte e Quatro, em que estão representados todos os mesteres e oficios, são as mais belas criações do antigo Estado português!

Mas lê-se no «Compromisso»—consolar os tristes desconsolados... Baralharam-se os factores: São as misericordias, outróra ricas e poderosas, que necessitam de esmolas para... puderem dar esmolas. Elas, hoje, são as «tristes desconsoladas» E' mister valer-lhes e encarar-se «a sério» o cumprimento rigoroso, leal, cavalheiresco do que constitui uma divida sagrada do povo de Portugal.

O tempo corre. O «Dia das Misericordias» aproxima-se. Num apice, 15 de agosto está á porta. Lembremo-nos de quem sofre, para não esquecer as misericordias.

Assim o pensem as mães, deliciando-se na visão santa da loura cabeça dos seus filhinhos! Assim o pensem os ricos, que tantas vèzes esbanjam o que lhes sobra na conquista do superfluo! Assim o pensem os infelizes, recordando que, porventura, ainda ha maiores desgraças do que as suas! Assim o pensem os que trabalham e do trabalho auferem o seu sustento, reflectindo que nas misericordias encontram o primeiro amparo aqueles que mais tarde hão-de alistar-se no exercito do proletariado—quer seja manual, quer seja intelectual. E de todas estas reflexões acarinhadas pela bondade nativa da raça, ha-de surgir o triunfo, o salvaterio das misericordias. Estamos certos que desta iniciativa do «Diario de Noticias» teremos um Portugal maior na arena sublime da Caridade!

«Quem dá aos pobres empresta a Deus». E os pobres—são as misericordias!

Acudamos-lhes enquanto é tempo, porque assim no-lo obriga a nossa consciencia e o nosso coração de portugueses!

Pelas misericordias!

NO INSTITUTO FEMININO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Uma brilhante festa escolar a que assistiu o sr. Presidente da Republica

NO MEDALÃO: O Chefe do Estado á sua chegada ao Instituto Feminino de Educação e Trabalho
EM BAIXO: Um grupo de alunas que tomou parte na recita de gala

Realizou-se ontem, no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, em Odivelas, uma interessante festa escolar a que assistiu o sr. Presidente da Republica que chegou ao edificio ás 3 horas da tarde, sendo aguardado pelos srs. ministro do Interior, Instrução e Guerra, adido militar espanhol, generais srs. Correia Barreto, Bernardo de Faria, Pereira Bastos e Abel Hipolito e pelos tenentes coroneis srs. Ferreira Simas, director do Instituto, Fernando Freiria e Alvaro de Azevedo e todo o corpo docente daquele estabelecimento de ensino. Fazia a guarda de honra uma força de artelharia e o corpo de bombeiros de Odivelas com a respectiva banda. Depois dos cumprimentos o Chefe do Estado dirigiu-se para o pavilhão onde está instalada a exposição dos trabalhos efectuados pelas alunas, entre alas de educandas que o saudavam com palmas e vivas. E era curioso ver aquele bando de crianças cantando e chilreando no meio do maior entusiasmo vitoriando o sr. Teixeira Gomes.

O Chefe do Estado percorreu toda a exposição e teve palavras de justo louvor para uma educanda que ao tear estava tecendo um lindo tapete de Beiriz. A exposição é mais uma grande afirmação de trabalho e ali se vêem rendas de Peniche e de vila do Conde, tapetes de Arraiolos e Beiriz, bordados da Ilha e finissimas rendas.

O sr. Presidente da Republica ficou satisfeito com os trabalhos expostos e manifestou esse seu sentir ao sr. Ferreira Simas, director do instituto.

Depois da visita á exposição seguiu-se um recital pelos alunos, a que assistiu o Chefe do Estado. O salão do teatro, antigo refeitorio das freiras de Odivelas, estava repleto.

O pano descerrou-se e as quatrocentas alunas, tantas são as que frequentam o Instituto, cantaram a «Portuguesa».

A aluna Marilia de Figueiredo leu o prologo onde estava condensado todo o programa da festa. Seguiu-se no uso da palavra, a aluna Lidalia Fernandes, que disse algumas palavras sobre os cantores e trajos regionais da Mulher Portuguesa. Varias alunas vestidas com trajos das nossas provincias e ilhas exemplificaram com cantos as palavras da conferente, estando os coros a cargo do «orpheon». O Minho deu-nos a alegre e viva canção «Apanhar o trevo...» e das outras provincias ouvimos as suas cantigas populares que terminaram com a «Saudade», toada açoriana, cantada pela aluna Aida Gomes Lopes.

Terminada a primeira parte do recital o sr. Presidente da Republica retirou-se, sendo-lhe tributada uma grata manifestação de simpatia.

O espectaculo foi preenchido pela comedia do professor J. de Melo Vieira, «Os anos da Morgada», desempenhada por alunos da 2.ª e da 1.ª secções; «Canção do Linho», «Os semventura» e «Saudação á bandeira».

Seguiu-se a parte musical que foi executada com raro brilho pelas alunas Maria Rosa Guedes, Regina Abudarham, Maria Virginia Proença, Aida Gomes Lagos, Maria do Carmo Freitas, Maria Rosa Guedes, ao piano, e pelas meninas Morilia de Figueiredo, Maria das Mercês Homet, Adelaide Borges, Maria do Rosario Barbosa e Alice de Oliveira, em violinos.

O recital terminou com a «Portuguesa» cantada pelo Orpheon.

Todas as educandes foram calorosamente aplaudidas, tendo participado desses aplausos os seus professores.

Realizou-se depois o jantar, a que presidiu o sr. Ferreira Simas, tendo assistido os convidados, corpo docente e familias das alunas.

Ontem foram tambem inauguradas as novas instalações da biblioteca do Instituto, que passou a funcionar numa bela sala no primeiro andar, em cujas estantes se encontram belas obras de estudo e consulta.

O edificio esteve patente ao publico e a banda dos Bombeiros Voluntarios de Odivelas tocou nos claustros peças do seu variado repertorio.

Muitas educandas fizeram a venda da flô para a Cruz Vermelha Portuguesa, tendo obtido grande numero de donativos.

A' festa assistiram deputações de alunos do Colegio Militar, Pupilos do Exercito e da Escola da Palá.

Rui Costa vê orçamento passar à justa entre pedidos de demissão

BENFICA Presidente enfrentou os sócios durante várias horas e defendeu que não há crise de liderança. Contas para 2024-2025 preveem 4,5 milhões de lucro.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

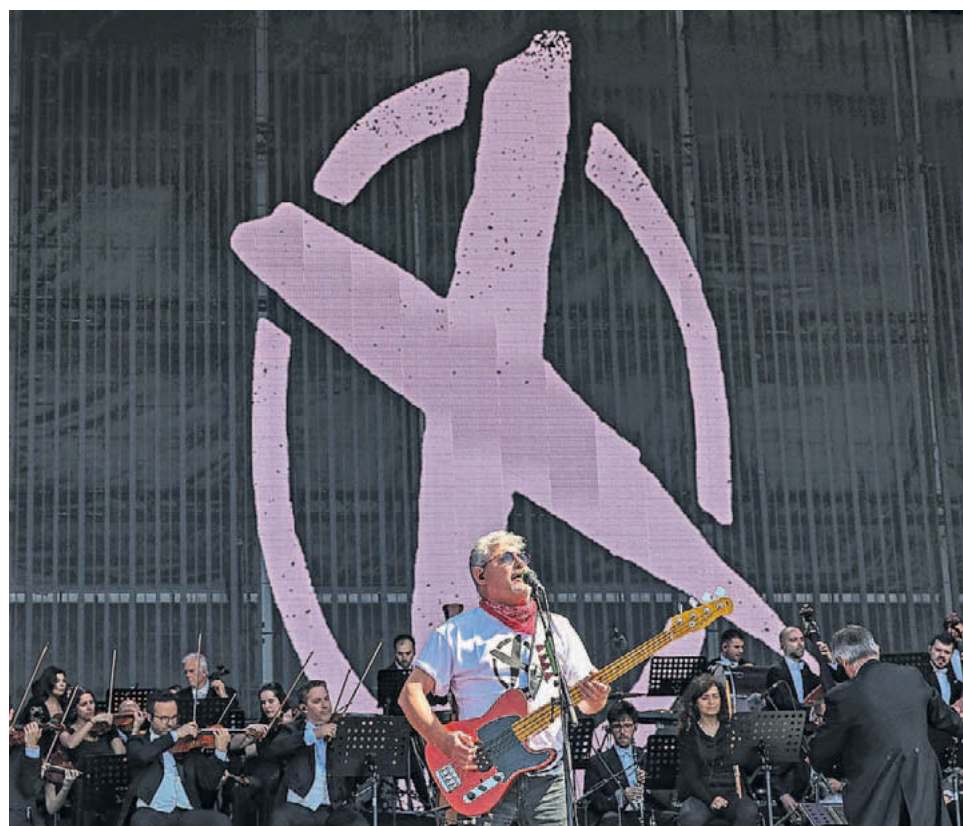
Foi um dia complicado para o presidente do Benfica, que, entre pedidos de demissão, viu o orçamento da SAD para a temporada 2024-2025, com lucro previsto de 4,5 milhões de euros, aprovado à justa numa concorrida Assembleia-Geral realizada ontem no Estádio da Luz. Dos cerca de 5 mil sócios do Benfica presentes, 47,61% votaram sim e 43,2% votaram não. Os números da abstenção ficaram-se pelos 9,19%.

Contestado do primeiro ao último minuto, Rui Costa defendeu que não há nenhuma "crise de liderança" no clube, rejeitando que os sócios coloquem em causa a seriedade e caráter da direção. "Não há nenhuma crise de liderança no Benfica. Não há vazios ou ausência de decisão. Assumimos as nossas responsabilidades e temos um projeto para o futuro deste clube. Não viro as costas nem fujo às minhas obrigações. Eu respondo por mim e pela minha equipa, mesmo por aqueles que decidiram sair. Nós vamos voltar a vencer no futebol e continuar a vencer nas modalidades. O Benfica vai permanecer como o clube mais vencedor em Portugal, como tem sido nas duas últimas épocas", garantiu o presidente dos encarnados.

Perante as críticas, lembrou que o Benfica conquistou, na última temporada, oito em 12 campeonatos no futebol e seis em 12 nas modalidades de pavilhão e que o clube ainda está na luta para vencer no hóquei em patins, masculino e feminino.

Sobre o Processo Saco Azul, referente à era Luís Filipe Vieira, em que ele e a SAD foram constituídos arguidos, Rui Costa respondeu assim: "A contar comigo, quem lesou o Benfica pagará por isso. Quem não deve não teme e por isso pus a auditoria cá fora", respondeu o presidente, sem se livrar de alguns insultos dos sócios, que pediram insistentemente a abertura de um processo com vista à expulsão de sócio do antigo presidente a contas com a Justiça.

Rock in Rio abriu ao som dos Xutos

Arrancou ontem a 10.ª edição do Rock in Rio no Parque Tejo Lisboa, que festeja 20 anos desde a sua chegada a Portugal. Os primeiros a pisar o Palco Mundo do festival foram os Xutos & Pontapés, aquecendo o público para um dia de *rock* com Extreme, Evanescence e Scorpions. A banda portuguesa de *rock* é uma presença habitual no Rock in Rio. Este ano, juntou-se uma novidade. Kalú, Tim e Zé Leonel estiveram no Palco Mundo acompanhados pela Orquestra Filarmónica Portuguesa. A programação do evento continua nos dias 16, 22 e 23 de junho.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

BREVES

Kate Middleton volta a aparecer em público

A princesa de Gales, Kate Middleton, apareceu pela primeira vez em público desde que foi diagnosticada com cancro, num carro alegórico, com os seus três filhos, no desfile de comemoração do aniversário oficial do rei Carlos III. Esta é a primeira vez que a princesa é vista em público depois de ter anunciado, no dia 22 de março, que está a ser tratada com quimioterapia. Na sexta-feira, a própria, em mensagem escrita, disse que tem alcançado "bons progressos" no tratamento ao cancro, mas que ainda não está "fora de perigo" e que seu tratamento continuará nos próximos meses. Ontem, Kate, ao lado dos filhos, sorriu e acenou às pessoas que enfrentaram a chuva em Londres e se reuniram na avenida The Mall, que leva ao Palácio de Buckingham. A princesa usou um vestido branco da estilista Jenny Packham, com um chapéu preto e branco de Philip Treacy e, ao peito, o broche do regimento da Guarda Irlandesa. Este desfile militar celebra o aniversário oficial do rei (apesar de o verdadeiro ser em novembro).

Morreu João Galamba, antigo jornalista do DN

Morreu, aos 76 anos, João Galamba Pinto, antigo editor de fecho do *Diário de Notícias*, onde entrou na primeira década deste século (na direção de Fernando Lima) e onde terminou a carreira profissional. De acordo com a agência Lusa, o antigo jornalista estava internado há cerca de um mês no Hospital de São João, no Porto. Nascido a 15 de julho de 1948 em Ourém, João Luís Galamba Dias Pinto começou a carreira como tradutor na revista *Século Ilustrado*, enquanto estudante de Filosofia na Universidade de Lisboa, tendo em 1973 iniciado a carreira de jornalista na redação do jornal *O Século*, onde esteve até à sua extinção em 1978. Foi nesta altura que ingressou na ANOP e passou por Cabo Verde e Guiné-Bissau como delegado da antiga agência noticiosa portuguesa. Após a extinção da ANOP, João Galamba passou para a Lusa, onde foi editor da secção África, chefe de redação e editor de fim de semana. Depois disso, entrou então no DN, onde esteve até se reformar.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56668

5 605290 023026